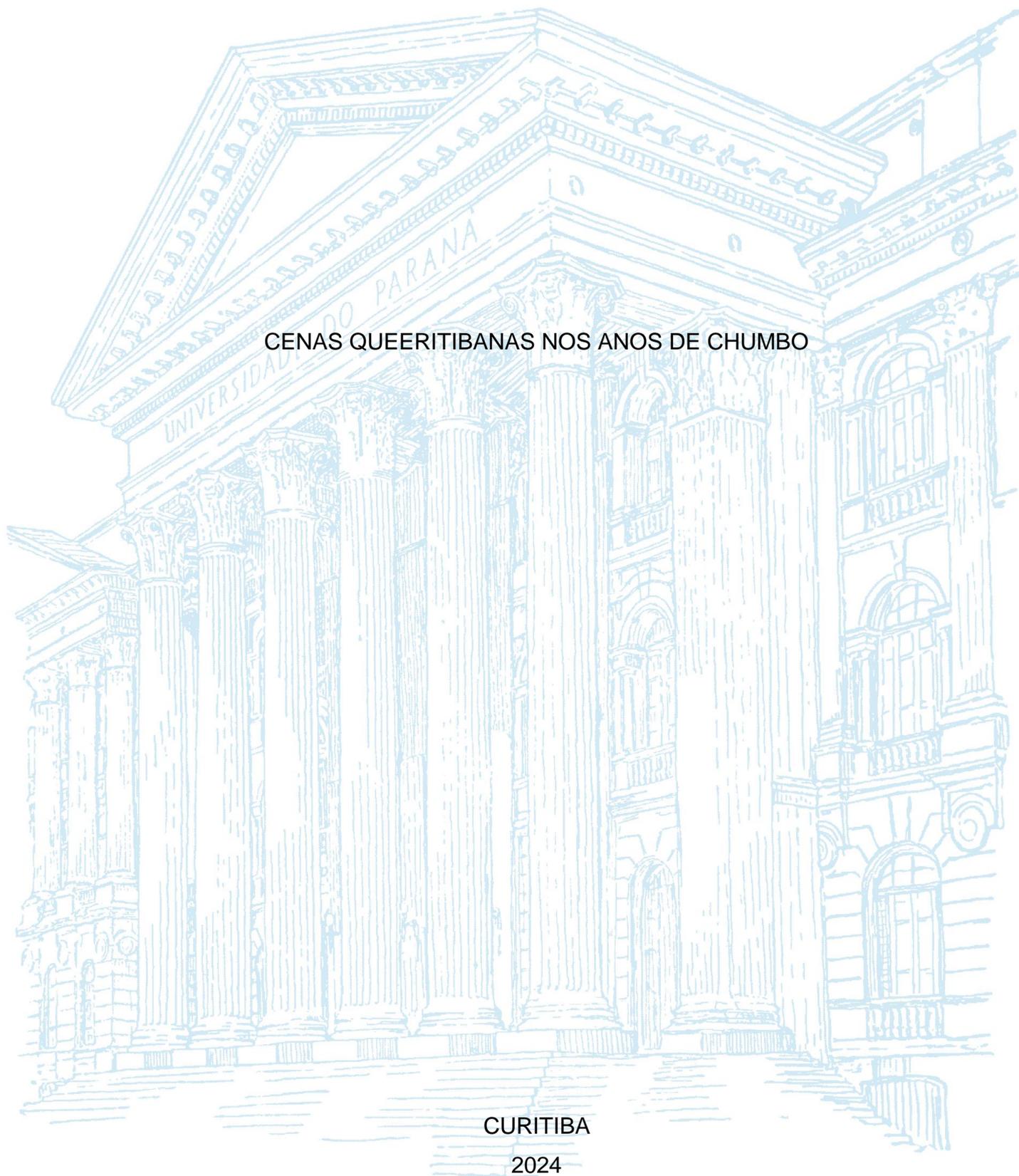


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GABRIEL AROUCA LEÃO

CENAS QUEERITIBANAS NOS ANOS DE CHUMBO



CURITIBA

2024

Gabriel Arouca Leão

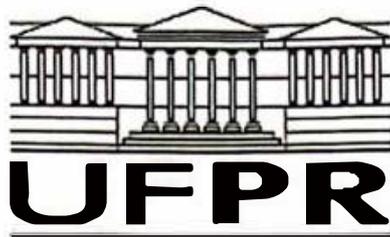
## CENAS QUEERITIBANAS NOS ANOS DE CHUMBO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo, Setor de Artes Comunicação e Design, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Valquíria Michela John

CIDADE

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
 DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
 Rua Bom Jesus, 650, - - Bairro Juvevê, Curitiba/PR, CEP 80035-010  
 Telefone: 3360-5000 - <http://www.ufpr.br/>

### ATA DE REUNIÃO

#### ATA DA BANCA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

No dia 11/12/2024, às 20 horas, os membros da banca de avaliação reuniram-se no Departamento de Comunicação Social da UFPR, com a finalidade de avaliar o aluno GABRIEL AROUCA LEAO que apresentou o trabalho de conclusão de curso em jornalismo intitulado: **Cenas queeritibanas nos anos de chumbo**. Após informar as normas do exame de avaliação, a orientadora passou a palavra para que o aluno realizasse a apresentação. Finalizada a exposição, o aluno foi arguido pelos membros da banca que atribuíram as seguintes notas:

Professora	Nota	Assinatura
ANDRÉ LUIZ JUSTUS CZOVNY	100	
JOSÉ CARLOS FERNANDES	100	
VALQUÍRIA MICHELA JOHN	100	

Sendo assim, a média aritmética atribuída ao aluno na defesa de seu Trabalho de Conclusão de Curso, foi \_\_\_\_\_, nota que será lançada no SIGA pela Professora Orientadora somente após realizadas as considerações sugeridas pela banca. O aluno foi considerado aprovado na disciplina e deverá entregar o trabalho com alterações sugeridas pela banca em até 10 dias.

VALQUÍRIA MICHELA JOHN  
 Professora Orientadora

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha professora e orientadora, Dra. Valquíria Michela John, pela amizade desenvolvida ao longo do curso de Jornalismo e por ter acolhido a ideia do meu Trabalho de Conclusão de Curso com tanto carinho e cuidado, dedicando tempo e esforços para me auxiliar a trilhar o melhor caminho neste trabalho.

Agradeço aos meus pais por todo amor que passam para mim, me formando enquanto uma pessoa sempre em busca da bondade e da justiça nas situações que enfrento. Pelo apoio em momentos difíceis. E, também, por possibilitarem meu estudo na Universidade Federal do Paraná.

Agradeço ao meu namorado, João Pedro Pereira Cordeiro, por me apoiar constantemente em meus projetos. Por estar presente sempre que preciso de ajuda. Por ter acompanhado este Trabalho de Conclusão de Curso desde o começo com entusiasmo e carinho e por todo amor dedicado a mim.

Agradeço ao meu professor do curso de Jornalismo, José Carlos Fernandes, pela amizade, pela formação humana, com ampla visão de mundo, para um jornalismo cada vez melhor, e pelo apoio durante o desenvolvimento do TCC.

Agradeço ao ator e diretor de teatro, George Sada, que, a partir de uma conversa de elevador, me possibilitou a realização do TCC com tranquilidade e fluidez. E por ter emprestado o auditório do teatro Cena Hum para gravações.

Agradeço a toda equipe do Centro de Documentação LGBTI+ Professor Doutor Luiz Mott (CEDOC LGBTI+), que me deram acesso e apoio para pesquisar no acervo pertencente ao Grupo Dignidade.

Agradeço a todos os entrevistados do documentário, que aceitaram contar suas histórias para mim.

Por fim, agradeço a toda equipe do Setor de Artes, Comunicação e Design (Sacod), em especial aos professores do Departamento de Comunicação (Decom), por todo o tempo e trabalho empenhado na formação de jovens jornalistas.

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é apresentado como requisito para a conclusão do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Esta pesquisa é um relatório teórico e técnico a respeito de espaços de sociabilidade, memória e histórico do movimento LGBTI+ em Curitiba e no Brasil como um todo. Este trabalho é utilizado como embasamento do documentário *Cenas Queeritibanas nos Anos de Chumbo*, produzido como produto do TCC. O Documentário retrata os espaços de sociabilidade LGBTI+ de Curitiba entre meados da década de 1970, quando se abriu o primeiro bar para dissidentes de sexo e gênero na capital paranaense, até a década de 1990, quando começam as atividades do Grupo Dignidade, Organização da Sociedade Civil que tem sua sede na cidade até o presente momento (ano de 2024). Além de retratar estes espaços, o produto também aborda questões como a LGBTfobia da época, a prostituição entre as Travestis, repressão policial e o direito que os corpos *Queer* que frequentavam os espaços retratados têm de envelhecer enquanto pessoas LGBTI+, trazendo à tona também o etarismo contra estes sujeitos. Este relatório trata dessas questões explorando conceitos como corpos monstros, patologização das dissidências sexuais e de gênero, visão dogmática do pecado acerca dos sujeitos *Queer*, descarte de corpos considerados velhos. Destaca também o processo de realização, o roteiro de montagem do produto.

Palavras-chave: LGBTI+; Curitiba; Espaços de sociabilidade; dissidências de sexo-gênero; documentário.

## LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – REPORTAGEM NO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ.....	19
IMAGEM 2 – FACHADA DA BOATE ÉPOCA EM CURITIBA.....	22
IMAGEM 3 – LOCAIS DE EXISTÊNCIA LGBTI+ ENTRE OS ANOS 1970 E 1990 EM CURITIBA .....	23
IMAGEM 4 – COMENTÁRIO NA REVISTA G MAGAZINE VALORIZA IDADES JOVENS .....	24
IMAGEM 5 – BAILE DOS ENXUTOS RETRATADO NO JORNAL CORREIO DE NOTÍCIAS EM 1995.....	27

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – ENTREVISTADOS .....	32
--------------------------------	----

## LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

AIDS	- Síndrome da Imunodeficiência Adquirida na sigla em inglês
AI-5	- Ato Institucional número 5
HIV	- Vírus da Imunodeficiência Humana na sigla em inglês
LGBTI+	- Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais e Intersexo
Libras	- Língua Brasileira de Sinais
nº.	- Número
PL	- Projeto de Lei
STF	- Supremo Tribunal Federal
TCC	- Trabalho de Conclusão de Curso

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>14</b>
2.1	OBJETIVO GERAL.....	14
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	14
<b>3</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>15</b>
3.1	DA MONSTRUOSIDADE, DOENÇA E APAGAMENTO .....	15
3.2	AS PENUMBRAS .....	20
3.3	AS FACES DO NÃO ENVELHECIMENTO .....	23
3.4	HISTÓRICO DE CURITIBA E SEUS POUCOS REGISTROS .....	26
<b>4</b>	<b>PROCEDIMENTOS/MÉTODOS .....</b>	<b>28</b>
4.1	CARACTERIZAÇÃO DA MODALIDADE ESCOLHIDA .....	28
4.2	MATERIAIS QUE INSPIRAM O TCC .....	29
4.3	O PRODUTO.....	30
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>35</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>38</b>
	<b>APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE MONTAGEM DO DOCUMENTÁRIO.....</b>	<b>41</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil passa por um processo em que os direitos da comunidade LGBTI+<sup>1</sup> estão sob constante ataque, seja para aqueles já adquiridos, seja para a reivindicação de novos. Foi apenas em 2019 que o Supremo Tribunal Federal – STF – reconheceu o crime de homofobia e transfobia e os equiparou ao crime de racismo, previsto na lei 7716/89. Mais recente ainda, em 2023, o mesmo órgão declarou que esses crimes, quando proferidos contra um indivíduo específico, podem ser equiparados à injúria racial<sup>2</sup>. Também em 2023, foi aprovado no congresso nacional, através da Comissão de Previdência, Assistência Social, Infância, Adolescência e Família, um projeto de lei (PL) que pretende proibir o casamento homoafetivo<sup>3</sup>, direito reconhecido pelo STF desde 2011. Este PL é fruto de uma deturpação do PL 580/07, de autoria de Clodovil Hernandez, que garantia em lei o casamento homoafetivo.

Esta deturpação do PL de Clodovil Hernandez foi feita através do apensamento de outros projetos de lei que tirariam o direito ao casamento de casais homoafetivos. Durante o ano de 2024, quando se desenvolveu o presente trabalho, o PL 580/07 foi discutido na Comissão de Direitos Humanos, Minorias e Igualdade Racial, sob relatoria da deputada federal Erika Hilton. Nesta comissão, a deputada, que é uma mulher trans, conseguiu a aprovação do relatório que pede:

APROVAÇÃO ao Projeto de Lei nº 580, de 2007, principal, e dos seus apensados, PL nº 4.914/2009, PL nº 5.120/2013, PL nº 3.537/2015 e PL nº 4.004/2021, na forma do substitutivo em anexo. E pela REJEIÇÃO do Projeto de Lei nº 5.167/2009, PL nº 1.865/2011, PL nº 5.962/2016 e PL nº 8.928/2017, como também REJEITA o substitutivo aprovado no âmbito da Comissão de Previdência, Assistência Social, Infância, Adolescência e Família (Brasil, 2024, n.p.).

---

<sup>1</sup> Apesar das diferentes variações da sigla que representa as pessoas que fogem à cis-heteronormatividade, o presente trabalho utiliza a sigla “LGBTI+” (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais) em consonância com a Carta da Diversidade, publicada pela Aliança Nacional LGBTI+.

<sup>2</sup> VIVAS, Fernanda; FALCÃO, Márcio. STF permite reconhecer ofensa contra LGBTQIA+ como injúria racial. **G1**, 21 de ago. de 2023. Disponível em: < <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/08/21/stf-forma-maioria-para-permitir-reconhecimento-de-ofensa-contralgbtqia-como-injuria-racial.ghtml>>. Acesso em: 6 maio 2024.

<sup>3</sup> CÉSAR, Caio. Os trechos mais absurdos do PL que tenta proibir o casamento homoafetivo no Brasil. **CartaCapital**, 11 de out. de 2023. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/politica/os-trechos-mais-absurdos-do-pl-que-tenta-proibir-o-casamento-homoafetivo-no-brasil/>>. Acesso em: 10 nov. 2023.

Com o relatório da deputada federal Erika Hilton, o PL toma rumos de garantir o casamento homoafetivo. Ainda assim, o projeto de lei irá tramitar na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania e, aprovada nesta instância, tramitará no Senado Federal.

A história e a luta LGBTI+ estão intrinsecamente ligados à movimentação cultural. Reconhecer-se como um corpo *Queer* – e aqui entende-se “*Queer*” como este Ser que foge à hegemonia cis-hétero-normativa – significa trabalhar para que a sociedade note as diferentes identidades enquanto presenças políticas, culturais e populacionais. Não como uma existência à parte, mas sim como intimamente integrante do todo. Vale ressaltar que o termo “*Queer*” foi ressignificado, deixando de ser pejorativo a partir de seu crescimento institucional na década de 1990 e que, por ter uma característica indeterminada, abriga grande eficácia política (ASSIS, 2021, p. 50).

Ao longo dos anos, a comunidade LGBTI+ foi analisada e colocada como um objeto de estudo através de um olhar de ser “diferente”, fugir ao padrão. Quando não colocada sobre o viés dogmático do pecado, foi pesquisada para encontrar justificativas ditas “biológicas” para as práticas que escapam à heteronormatividade.

Porém, a história do movimento LGBTI+ não está apenas ligada à sociedade civil organizada e à conquista de direitos constitucionais. Por mais importante que seja estas ações ainda ocorrerem no âmbito jurídico, esses corpos foram, por anos, relegados ao silêncio, ao escondido. É uma história que está ligada em seu cerne a existência dos espaços de resistência social. Não se pode falar em homossexualidade e outras dissidências sexuais e de gênero e ignorar a presença dessas pessoas nos ambientes ocultos aos olhos, como bares, “inferninhos”, “banheirões”, boates etc<sup>4</sup>.

Ser LGBTI+ portanto, para além de uma discussão sobre o “direito de amar”, é sobre desafiar e combater os discursos de poder que determinam que esses pertencimentos não possam ser vistos à luz do dia. “Pensar *Queer*” é pensar que as identidades são políticas, é entender que essa visão binária de gênero que hoje vigora – masculino e feminino – e que esse reconhecimento de família heterossexual

---

<sup>4</sup> Os espaços aqui referidos são locais que, mesmo marginalizados, serviram de refúgio para a comunidade LGBTI+. Alguns locais, por serem ermos e de baixa iluminação, poderiam trazer também a violência como fator de risco. Porém, era um risco que valia a pena para ter a “liberdade”. Em Curitiba, são locais como os cinemas Avenida e Glória, sauna Caracala, boate Época e Rio's Club etc.

como única válida devido a uma suposta utilidade primeira de reprodução não passa de um pensamento imposto pelo colonialismo europeu e pelo modelo político-econômico capitalista, em que os corpos são controlados para garantir a reprodução humana e conseqüentemente a criação de mão de obra, não sendo aplicado para comunidades que têm suas matrizes culturais fora deste eixo, como o caso dos povos ameríndios.

Da mesma forma expõe João Silvério Trevisan em seu livro *Devassos no Paraíso* de 2018 (a edição utilizada é a quarta, de 2018, mais atualizada que a primeira, de 1986). Na obra em questão, Trevisan traz ao panorama a visão que o pesquisador alemão Avé-Lallement teve dos indígenas Botocudo, em 1859, não como “homens” ou “mulheres”, mas como “mulheres-homens” e “homens-mulheres” (2018, p. 64). Além disso, o autor ainda revela que, ao constatar relações homossexuais e homoafetivas entre os indígenas considerados homens na visão europeia, o português Pero de Magalhães de Gândavo relatou que esses povos estavam entregues ao vício da sodomia<sup>5</sup> e que neles não havia “razão de homens” (ROMERO, 1967, p. 149, apud TREVISAN, 2018, p. 64).

O fim dos anos 1970 e a década seguinte foram fundamentais para o surgimento do movimento LGBTI+ no Brasil, muito disso sob influência do movimento mundial iniciado pela Revolta de Stonewall em 1969<sup>6</sup>. Em 1978, surgia no Rio de Janeiro o *Lampião da Esquina*, primeiro jornal voltado à temática da homossexualidade no Brasil, além de outros movimentos, como o feminismo, antirracista e contra a ditadura militar. No mesmo ano, fundou-se em São Paulo o Grupo Somos de Afirmação Homossexual, primeiro coletivo de ativismo e militância LGBTI+ no Brasil. Em 1980, aconteceu pela primeira vez no país um movimento, organizado a nível nacional através de publicações no *Lampião da Esquina*, a favor dos direitos da comunidade LGBTI+, o Primeiro Encontro de Brasileiros Homossexuais. Em 1980 também, foi feito um protesto em frente ao Teatro

---

<sup>5</sup> De acordo com João Silvério Trevisan, “Sodomia” era um dos nomes dados às relações homossexuais pelos europeus, podendo ser chamado também de “sujidade” ou “*peccatum nefandum*” (pecado nefando). O autor diz ainda que para os europeus, tanto católicos, quanto reformados, essa prática era um dos quatro *clamantia peccata* (“pecados que clamam aos céus”) originados na teologia medieval (2018, p. 63).

<sup>6</sup> Em 28 de junho de 1969, aconteceu a Revolta de Stonewall nos Estados Unidos da América, que causou um abalo no mundo todo com relação aos direitos da comunidade LGBTI+. O movimento durou 6 dias e lutou contra a opressão àquela comunidade nos EUA. Atualmente, no dia 28 de junho é celebrado o Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+.

Municipal de São Paulo, contra a Operação Limpeza<sup>7</sup>, comandada pelo delegado José Richetti, investida contra travestis, homossexuais e prostitutas. A partir disso, o movimento começou a se espalhar cada vez mais, chegando em Curitiba em 1992 com a fundação do Grupo Dignidade<sup>8</sup>, ativo até hoje em dia.

É no contexto da Ditadura Militar Brasileira (1964 – 1985) que *Cenas Queeritibanas nos Anos de Chumbo* tem início. Mesmo não aprofundando a questão da Ditadura Militar, é relevante trazer este contexto para o produto, uma vez que os pensamentos que tomaram corpo durante este período perpassam o fim do regime e adentram a redemocratização do Brasil. O presente trabalho começa nos anos 70, momento da Ditadura Militar chamada de “Anos de Chumbo”, época em que, sob o governo do ditador general Artur da Costa e Silva, foi instituído o Ato Institucional número cinco (AI-5), que fortificou o regime repressor e que, já sob o jugo do ditador seguinte, general Emílio Garrastazu Médici, criou um período de intensa repressão e perseguição sanguinária aos opositores do governo e àquelas pessoas que atentavam a “moral e os bons costumes”. Curiosamente, como forma de controle e alienação social, mesmo nesse período, os espaços que *Cenas Queeritibanas nos Anos de Chumbo* retrata não foram fechados. Este cenário é melhor exposto no tópico 3.2 deste relatório.

Passado os “Anos de Chumbo”, o projeto adentra em uma época de extrema violência aos corpos *Queer*, os anos 80, que trouxeram consigo o HIV/AIDS para uma sociedade que estava passando por um processo de saída da Ditadura Militar e adentrando a redemocratização. Ou seja, havia ainda uma forte visão moralista, herdada dos militares, sobre questões voltadas aos corpos dissidentes. Mantendo o “chumbo” sobre a comunidade LGBTI+, mesmo já tendo passado o momento histórico que carrega este termo no nome.

Tendo em vista o maior conhecimento a respeito da origem do movimento organizado, aquele que estava às claras para a população, o presente trabalho tem como mote a história de existência silenciosa da comunidade LGBTI+ na cidade de

---

<sup>7</sup> MARTIN, Flavia. 'Stonewall brasileiro' aconteceu em São Paulo nos anos 1980, durante reabertura política do país. **O Globo**, 28 de jun. de 2019. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/brasil/stonewall-brasileiro-aconteceu-em-sao-paulo-nos-anos-1980-durante-reabertura-politica-do-pais-1-23769930>>. Acesso em: 6 maio 2024.

<sup>8</sup> O Grupo Dignidade foi o primeiro grupo organizado no estado do Paraná a atuar na promoção da cidadania de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexo, leia mais em: <https://www.grupodignidade.org.br/historia/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

Curitiba a partir de 1970, quando já se iniciava o movimento organizado no Brasil, mas ainda não na capital paranaense. Visa-se registrar por meio de um documentário audiovisual quais foram os locais que serviram como refúgio e proteção para a resistência desses corpos na capital. Ou seja, procura-se entender como se deu o desenvolvimento do cenário *Queer* em Curitiba a partir de dos anos 1970. O documentário se justifica no momento em que pode auxiliar a resgatar e manter viva a memória de uma comunidade que historicamente vê sua existência ameaçada em função de dogmas religiosos e padrões morais impostos sobre as pessoas. É uma forma de mostrar que as dissidências sexuais e de gênero sempre estiveram presentes e que são constituintes da sociedade como um todo. Representa resistência, orgulho e identidade.

Para além dessas razões de cunho social, o documentário se torna para mim, autor – e aqui me dou o direito de falar em primeira pessoa para que fique claro a pessoalidade – uma forma de resistir à opressão contra a minha pessoa e aos meus similares enquanto membros da comunidade LGBTI+. Afinal, acredito que quem se identifica e caracteriza fora da cis-hétero-normatividade tem o papel histórico de tentar converter a violência em orgulho de ser e existir. Assim como a travesti Gilda manteve acesa a chama da luta contra a LGBTIfobia em Curitiba através de suas manifestações políticas, espero poder colaborar com o movimento documentando a história que está oculta nas esquinas e portas da cidade.

Torna-se primário para o jornalismo que produtos como esses sejam colocados em pauta, seja no mercado de trabalho, seja no meio acadêmico, para que os profissionais cumpram com seu dever social e ético de combater as diferentes formas de opressão, defender os direitos de cidadania e a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Bem como um trabalho documental em vídeo deste nicho mantém para o jornalismo e para a sociedade a memória visual da situação a ser contada, dificultando assim o esquecimento e o possível apagar histórico. Assim como diz Ildney Cavalcanti no capítulo de apresentação do livro *Queertopias*, de Fabiana Gomes de Assis, torna-se urgente produções que contrariem a ordem dominante dado o momento histórico que vivemos, tendo em vista os processos crescentes de violência física e simbólica a que as subjetividades não binárias são submetidas.

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 OBJETIVO GERAL

- Documentar em modalidade audiovisual os locais de existência silenciada do movimento LGBTI+ em Curitiba através de um panorama histórico entre as décadas de 1970 e 1990.

### 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer espaços que o movimento LGBTI+ utilizou para poder sociabilizar e resguardar o próprio direito de existir em Curitiba entre a década de 1970 e a de 1990;
- Documentar a história daqueles que viveram o cenário *Queer* em Curitiba entre a década de 1970 e a de 1990;
- Expor como está o cenário da luta LGBTI+ hoje, no Brasil, enquanto direitos adquiridos ou não;
- Conhecer quais são as perspectivas que as pessoas que viveram o movimento *Queer* em Curitiba, entre a década de 1970 e a de 1990, têm a respeito dos relacionamentos amorosos *Queer* velhos;
- Propiciar o resgate e preservação da memória LGBTI+ através do jornalismo audiovisual documental.

### 3 REVISÃO DE LITERATURA

O presente trabalho tem como referências principais três livros, são eles: *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade* (4ª edição), de João Silvério Trevisan, publicado em 2018; *Novas fronteiras das histórias LGBTI+ no Brasil*, organizado por Paulo Souto Maior e Renan Quinalha, publicado em 2023; e *Queertopias: corporalidades sonhadas em narrativas contemporâneas*, escrito por Fabiana Gomes de Assis e publicado em 2021, sendo o terceiro volume da série “Movências da Utopia”, da Editora da Universidade Federal do Alagoas.

Além desses, também são utilizados os livros *LGBT+ na luta: avanços e retrocessos*, de Laura A. Belmonte, publicado em 2024; a terceira edição de *Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção*, de Sérgio Puccini, lançado em 2011; *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*, organizado por Tomaz Tadeu da Silva e lançado em 2000; o *Manual de Comunicação LGBTI+* da Aliança Nacional LGBTI+ e da Rede Gay Latino, publicado em 2021; e a versão de 2023 da *Carta da Diversidade*, também realizada pela Aliança Nacional LGBTI+.

Para melhor tratar destas bibliografias, este tópico será dividido em três subtópicos. O primeiro abordará as questões relativas à forma como os corpos *Queer* foram e ainda são tratados pela história no Brasil, considerando tanto o período em que o documentário será ancorado (décadas de 1970 a 1990), quanto o imediatamente antes e posterior a ele. A partir desse item, passa-se para o segundo, que irá fazer emergir quais são os tipos de espaços a que os corpos *Queer* estão sujeitados ao longo do tempo. Por fim, será tratada a questão na noção de futuridade e envelhecimento desses corpos no sentido de procurar entender quais são os direitos de envelhecimento atuais e quais são os desejos sonhados para o futuro.

#### 3.1 DA MONSTRUOSIDADE, DOENÇA E APAGAMENTO

Ao se tratar de corpos *Queer*, é essencial enxergar que estes corpos foram transformados em monstros para sociedade como forma de apartá-los, colocá-los com abjetos. E, para tratar a questão do monstro, precisa-se entender primeiro que

o ser humano teve sua existência concebida historicamente através do caráter pensante, fato marcado pela frase de René Descartes “*cogito ergo sum*” (penso, logo existo). Este “sujeito cartesiano”, como explica Tomaz Tadeu da Silva em *Pedagogia dos monstros*, seria um sujeito “centrado, unificado, homogêneo, racional, consciente, reflexivo” (2000, p. 15). Ao mesmo tempo, seguindo o postulado por Descartes, o sujeito teria um núcleo essencial subjetivo, que escapa à língua, à sociedade e à história, sendo, portanto, inalterável.

Nesse sentido, Tomaz Tadeu da Silva traz que a primeira desconstrução deste indivíduo se deu com a Psicanálise Freudiana e Lacaniana, que deslocou o centro do sujeito do campo consciente para o inconsciente, ou seja, saiu de um dito núcleo essencial para um processo de formação linguística, social e histórica (2000, p 15).

Com este sujeito que se constrói a partir de um processo de formação, como explicitado por Tomaz Tadeu da Silva, as pessoas dissidentes tiveram suas existências atacadas através das lentes linguísticas, sociais e históricas. Os corpos *Queer*, enquanto este Ser que foge à hegemonia cis-hétero-normativa, são tratados socialmente como marginais, aqueles que devem estar afastados dos “normais”, são não nominados, desumanizados. Esta visão de não nomeação às dissidências sexuais e de gênero tem uma função, a de legitimar a ideia de um não ser. Da mesma forma, Assis (2021) trata deste tema através da imagem do monstro. Segundo a autora:

Quando não temos recursos discursivos suficientes ou quando não somos autorizadas/os pelo poder dominante a legitimar certas categorias no campo do dizível, resta-nos a imagem paradoxal do monstro enquanto qualificadora dessas ocorrências culturais conhecidas como não-normativas ou “anormais” (2021, p. 55).

O monstro, nesse sentido, enquanto mecanismo linguístico, é uma imposição aos corpos dissidentes como uma tentativa de afastá-los da sociedade, colocá-los como algo a ser evitado, desprezível. No entanto, da mesma forma como o termo *Queer* pôde ter sua ótica transferida do dominante para o dominado, as pessoas LGBTI+ devem, através da subversão da visão hegemônica, entender que este “monstro” estremece as estruturas sociais e, enquanto elemento de transgressão e símbolo da imprevisibilidade, é capaz de transformar radicalmente a própria vivência e existência (Assis, 2021, p. 54-55).

O problema “monstro” implicado nas relações hegemônicas de poder sobre os corpos já começa antes mesmo do nascimento de qualquer ser humano. Dito parte de um “conhecimento médico”, através do ultrassom já é imposto aquele corpo que nem nasceu a binaridade sexo-gênero da sociedade cis-hétero-normativa. Ao declarar “é menino” ou “é menina”, ignora-se toda a relação histórica e social na formação de uma identidade e, se identificado que aquele sujeito é pertencente ao leque de pessoas intersexo, é proposto uma mutilação do recém-nascido, como forma de forçá-lo à binaridade e tornar abjeto a gama de corpos possíveis. Neste sentido, nota-se que, como expresso por Assis, “o corpo percebido em ‘masculino’ ou ‘feminino’ não possui uma essência baseada na natureza que supostamente precede um discurso, mas é ela mesma uma manobra linguística” (2021, p. 89). Através da palavra, da nomeação, condena-se uma pessoa a viver através de uma imagem que pode ou não corresponder com a formação que virá posteriormente, através das vivências, experiências, posições nos estratos da sociedade em que vive, entre outros.

Como consequência, o monstro que Assis descreve é justamente aquele que não está abarcado pelo poder da normalidade, ele é uma vida não desejável. Ao ser relegado à não humanidade, essas pessoas tornam-se passíveis de serem analisadas a partir de um olhar que busca explicar o porquê elas existem, seja religiosamente, como explicitado pelo caso do pecado nefando tratado anteriormente, seja por um estudo dito científico.

Trevisan (2018) trata da questão da busca científica ao inserir na discussão a procura de uma resposta geneticista para a existência dessas dissidências. O autor demonstra como, em resposta ao libertarismo contracultural da década de 1960, diversas vezes ao longo do século XX, a homossexualidade foi associada a patologias químicas – através da falta de alguma substância durante a gestação – ou comportamentais – por meio da depressão, agressividade e do estresse (2018, p. 30).

Esta incansável pesquisa para entender a existência dos corpos *Queer* através do aspecto biológico pode ser remetido às desumanas noções positivistas do começo do século XX, nas quais pessoas eram condenadas por crimes simplesmente por que tinham características físicas e/ou psicológicas consideradas de um criminoso, como o caso da prisão de Arias de Oliveira em São Paulo, na primeira metade do século XX, retratada pelo historiador Boris Fausto no livro O

crime do restaurante chinês: carnaval, futebol e Justiça. Na situação em questão, Arias (um homem negro) é posto sob o jugo das teorias do psiquiatra e criminologista italiano Cesare Lombroso, que dizem que as características físicas de um indivíduo – tal como cor da pele, formato da mandíbula, peso, tipo de cabelo etc. – podem indicar se ele é propenso ou não a cometer um crime (Fausto, 2009). Neste sentido, Trevisan (2018) ainda lembra que a “curiosidade científica” legitimou a eugenia da anormalidade da homossexualidade imposta pelo regime nazista, que estigmatizou os homossexuais com o triângulo rosa e determinou que o bem da sociedade só seria possível com a eliminação dos *anormais* (2018, p. 32).

Com o surgimento, na década de 1980, da epidemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS na sigla em inglês), doença causada pela infecção do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV na sigla em inglês), foi fortalecido sobre os corpos *Queer* um outro estigma, o da doença. Trevisan (2018) relata que, mesmo com os dados mostrando que diversos setores sociais estavam se infectando com o HIV, a sociedade passou a chamar a AIDS de “peste guei”<sup>9</sup> e, com isso, popularizou a noção da doença LGBTI+<sup>10</sup>. Como evidenciado no caso que o autor traz de um farmacêutico que se recusava a dar injeção em homossexuais por ter medo de se infectar com HIV e, conseqüentemente, as pessoas acharem que ele “virou a mão”. O medo, portanto, não era do vírus ou da AIDS, mas sim de, como exposto por Trevisan, “adoecer de homossexualidade” (2018, p. 41).

Como consequência da monstrualização e patologização dos corpos *Queer*, tem-se um resultado dessocializador: o apagamento. As pessoas fora do sistema cis-hétero-normativo, por não poderem se expressar à luz do dia sem serem colocadas em situações humilhantes e degradantes, passam viver na clandestinidade e, em decorrência disso, são cercadas por um silêncio. Não falar das dissidências sexuais e de gênero, demonizar os locais em que essas pessoas frequentam, hostilizar estes sujeitos quando se tem a mínima suspeita de que são dissidentes, colocam os corpos *Queer* em guetos que, ao mesmo tempo, esconde essas vidas e às protegem da violência. João Silvério Trevisan discorre sobre esse fato exemplificando como o silêncio era quebrado:

---

<sup>9</sup> Uma característica do texto de João Silvério Trevisan é usar o termo “guei” no lugar de “gay” por, conforme o próprio autor diz em Devassos no Paraíso, considerar mais adequado à gramática da Língua Portuguesa (2018, p. 14).

<sup>10</sup> Sigla usada apenas para fins de escrita, na época, não era utilizado o termo LGBTI+, mas sim outros como “gay”, “viado”, “entendidos” etc.

De fato, tais circunstâncias só eram tornadas públicas se oferecessem material sensacionalista para a primeira página da imprensa marrom (por exemplo, quando um padre foi preso em situação “comprometedora” num cinema de pegação guei de São Paulo ou quando a guarda municipal flagrou um conhecido ator do showbiz transando com outro homem numa praça de São Paulo). Era graças ao silêncio tácito que esses incidentes repressores nem sequer chegavam ao conhecimento coletivo, como se nunca tivessem existido nem constituíssem um problema social (2018, p. 23).

De modo a exemplificar o dito por Trevisan, pode-se observar a forma humilhante que o jornal *Tribuna do Paraná* tratou a morte de um homem que estava fazendo sexo escondido no cemitério Água Verde, em Curitiba (Imagem 1). Além do sensacionalismo em cima da figura do homem assassinado, esta reportagem também mostra como os dissidentes procuravam lugares ermos para satisfazerem seus desejos, colocando as próprias vidas em risco.

IMAGEM 1 – REPORTAGEM NO JORNAL *TRIBUNA DO PARANÁ*



FONTE: Grupo Dignidade, 2024.

Esses incidentes repressores aos quais Trevisan se refere são os acontecimentos, tal como a Operação Limpeza do delegado Richetti, que perseguiram incessantemente os sujeitos *Queer*. Realizados por parte de órgãos oficiais com o intuito de extirpar essas pessoas do convívio social, esses casos foram contados entre pessoas através da fala, afinal, não interessava à imprensa os divulgar a não ser que fossem algo que escandalizasse.

### 3.2 AS PENUMBRAS

Mesmo com o surgimento dos grupos organizados que atuavam na luta para a proteção dos corpos subalternizados pela sociedade, como o Somos ou o Grupo Dignidade, a história de resistência dessas pessoas remonta às ações de sociabilidade feitas de modo escondido no dia a dia. Tais conexões levaram à redefinição de mapas, nos quais determinados locais eram ordinários para algumas pessoas, enquanto para os *Queer*, eram pontos de ser e existir. Sandro Silva, um dos autores presente no livro organizado por Paulo Souto Maior e Renan Quinalha, diz que as grandes cidades permitiam maiores possibilidades de haver transgressão às normas sociais e vivenciar outras experiências e que a relação entre sexualidade e espaço é uma constante nos discursos relativos à homossexualidade (Silva, 2023, p. 302).

Procurando-se quais são os locais aos quais os corpos *Queer* puderam sociabilizar ao longo das últimas décadas, Trevisan traz:

Uma análise histórica da homossexualidade tal como os brasileiros a vivem deveria ser menos a história da permissividade emanada dos mecanismos de controle social (evoluindo da Inquisição e censura policial para a psiquiatria, o saber universitário e a mídia) e mais o levantamento de vestígios de um desejo indômito, que floresce de modo subjacente, seja nos quintais da província, seja nos banheiros públicos das grandes cidades (2018, p. 57).

Uma forma que torna possível a melhor compreensão do que é o aparecer deste “desejo indômito” em locais do cotidiano é o conceito de lugares fora de lugares, elaborado por Michel Foucault no livro *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*, de 2009. Segundo o filósofo, há locais, que ele chama de “lugares heterotópicos”, que são, ao mesmo tempo, traçados pela instituição da sociedade e “utopias efetivamente realizadas”. Ou seja, são lugares de existência em que os sujeitos poderiam vivenciar o que não vivenciaríamos fora deles. Nas palavras de Foucault, são “espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis” (2009, p. 415).

Tem-se, portanto, esses lugares ordinários à sociedade e que, em certa medida, são invisíveis a ela no sentido de não notarem sua existência. Como Silva (2023) traz em seu estudo, esses espaços poderiam ser os mais variados, desde que fossem mal iluminados, afinal, a falta de iluminação possibilitaria a sociabilidade

com maiores garantias de anonimato e, com isso, não exposição, são ruas, parques, praças, becos, mictórios etc. (2023, p. 306).

Mesmo com a possibilidade de gerar relações de socialização, esses espaços trazem consigo problemas que são gerados a partir do próprio espaço frequentado. Ou seja, a visão que se tinha sobre quem frequentava esses lugares heterotópicos dependia de qual local seria utilizado para isso. Alguns eram vistos como melhor frequentados, como bares e boates, e outros como sinal de maus hábitos e falta de requinte (Silva, 2023, p. 305-306). Ou seja, um mapa subjetivo seria traçado sobre o mapa da cidade levando em conta fatores socioeconômicos e culturais. A exemplo de Curitiba, em reuniões com o jornalista José Carlos Fernandes e com o diretor de teatro George Sada, este trabalho pôde localizar onde funcionava a “feira do cu”. Este espaço era situado na Travessa Jesuíno Marcondes, no centro de Curitiba, em que garotos de programa, geralmente em condições socioeconômicas fragilizadas, se prostituíam. O local era tido como perigoso e, em uma ótica elitista, era um “lugar de pobre”.

Além desta situação trazida por Silva, cabe também lembrar como tais espaços eram palco de violência. Quando colocados na escuridão, os sujeitos sexo-gênero dissidentes criavam condições de sociabilidade específicos, com valores, códigos e normas próprias. Simultaneamente a isso, a violência impunha-se nesta convivência de corpos indesejados (Morando, 2023, p. 199). Luiz Morando, ao analisar a sociabilidade LGBTI+ em Belo Horizonte (MG) encontrou uma reportagem do jornal Estado de Minas, do dia 6 de dezembro de 1946 e destacou o seguinte trecho que fala sobre o uso do Parque Municipal Américo René Gianetti durante o período da noite: “Disso se têm valido criminosos e malandros de toda categoria para fazerem do parque a moldura ideal para homicídios, espancamentos, assaltos, contos do vigário e *atos atentatórios da moral*” (2023, p. 199).

Laura A. Belmonte, em seu livro *LGBT+ na luta: avanços e retrocesso*, traz a violência policial no contexto da Ditadura Militar do Brasil. Segundo a autora, a repressão política afetou os cidadãos LGBTI+ brasileiros no sentido de fazer batidas periódicas em casas noturnas e, além disso, para evitar serem censurados pelo governo, periódicos que eram voltados para o público gay encerraram suas atividades (Belmonte, 2024, p. 181-182).

Ainda no sentido da presença das dissidências sexuais e de gênero durante o período ditatorial, o historiador James Naylor Green (1999) aponta em seu livro

*Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX* que, devido ao aumento das condições de consumo para a classe média urbana, entre 1969 e 1978, período que passa pela maior repressão militar no país, os espaços destinados aos homossexuais nos centros urbanos expandiram-se consideravelmente, com a proliferação de bares, saunas e discotecas. E, além disso, houve o aumento no número de travestis e michês na prostituição de grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro. Segundo Green, resposta policial veio em forma das constantes prisões (1999, p. 396).

O que Green retrata sobre as grandes cidades, principalmente sobre São Paulo e Rio de Janeiro, não foi diferente em Curitiba. A cidade contou com a presença de boates e discotecas, como a primeira “boate para entendidos” da cidade, chamada Marrakesh, que funcionou em meados da década de 1970, cuja antiga proprietária, Lourdes Marins, foi entrevistada por esta pesquisa. Além do Marrakesh, também houve a La Belle Époque, que posteriormente se tornou Époça, aberta em 1981, da empresária Rosângela Coelho, e voltada ao público gay (Imagem 2). Green traz a estranha relação entre um governo ditatorial militar de direita, que condenava “atos atentatórios a moral”, não ter fechado estes espaços. Para o autor, isso é relacionado ao fato de que os militares utilizavam do entretenimento popular para conter as massas trabalhadoras frustradas, ou seja, manter esses espaços abertos seria um escape, um dissipador da oposição ao governo, o que não os impediu de fazer batidas policiais constantes nesses locais (Green, 1999, p. 398).

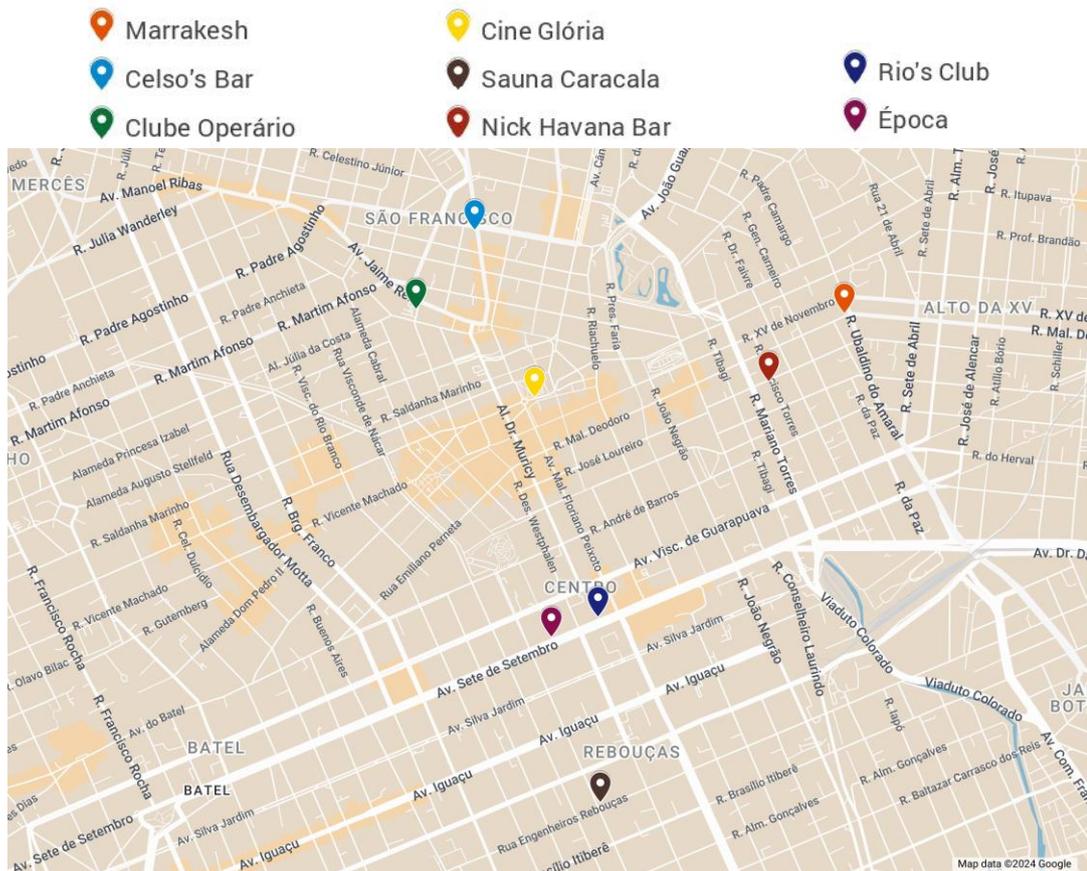
IMAGEM 2 – FACHADA DA BOATE ÉPOÇA EM CURITIBA



FONTE: Acervo pessoal de Rosângela Coelho, 2024.

Para deixar mais visível os locais que este projeto retratou e que podem ser explorados melhor assistindo ao documentário, a seguinte imagem (Imagem 3) é um mapa com estes pontos delimitados.

IMAGEM 3 – LOCAIS DE EXISTÊNCIA LGBTI+ ENTRE OS ANOS 1970 E 1990 EM CURITIBA



FONTE: O autor, 2024.

Indo além da violência física e perseguição policial como exposto até o momento, cabe também analisar um outro tipo de ato violento que se arrasta até os dias atuais, a retirada do direito ao envelhecimento enquanto pessoa *Queer*. Isso é feito de tal forma que ainda é utópico pensar em uma velhice LGBTI+. Tal violência é tão presente na vida desses sujeitos que é mais bem tratada se for separada em um tópico à parte.

### 3.3 AS FACES DO NÃO ENVELHECIMENTO

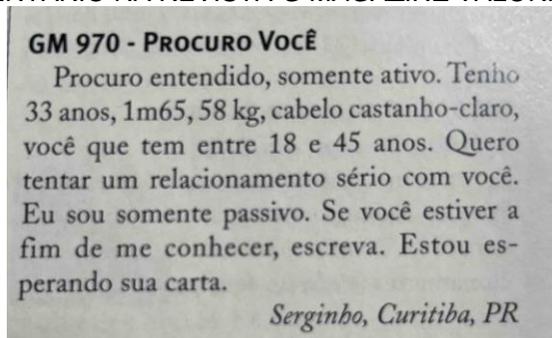
Tratar temas como velhice e envelhecimento vai além da mera idade cronológica, existem diversos fatores que influenciam nos rumos desta discussão,

uma vez que ela é perpassada por diversos olhares diferentes, como o olhar médico especializado (geriatria e gerontologia), institucionalização do direito à aposentadoria, surgimento dos asilos (Silva, 2023, p. 490).

Tratando-se de corpos *Queer*, a velhice toma contornos mais específicos ainda, tendo em vista que são pessoas estigmatizadas duplamente, uma pela dissidência sexo-gênero, outra pelo envelhecimento. Diversas pessoas idosas que não se enquadram na cis-hétero-normatividade alegam não dizerem sua orientação sexual ou identidade de gênero para profissionais da saúde por medo de receber um atendimento que afete a qualidade do cuidado (Salgado et al., 2017 apud Silva, 2023, p. 491-492).

Além da velhice trazida pela idade cronológica, há também uma característica própria dos corpos *Queer* que é um envelhecimento simbólico, marcado pelo aparecimento de marcas no tempo no corpo, como os cabelos tornando-se grisalhos e rugas aparecendo na pele. Com esses sinais, surgem entre as pessoas LGBTI+ termos como “maricona”, “cacura” e “bicha velha”, que são estigmatizantes, agravam o problema da invisibilidade dos idosos enquanto seres que têm anseios e desejos. Somado com a questão *Queer*, o envelhecimento do corpo torna-se um “agravante” e coloca essas pessoas como não desejadas eroticamente (Imagem 3). Ou seja, ter um envelhecimento natural é um direito negado uma vez que para ser desejado e respeitado o corpo deve ser jovem e belo e não com marcas da passagem do tempo (Silva, 2023, p. 495).

IMAGEM 4 – COMENTÁRIO NA REVISTA G MAGAZINE VALORIZA IDADES JOVENS



FONTE: Grupo Dignidade, 2024.

Da mesma forma, Silva relata em seu estudo como a imprensa, mais especificamente a imprensa voltada ao público LGBTI+, a exemplo do *Lampião da Esquina*, evitava entrar no discurso da velhice, representando muito pouco esses

sujeitos. O autor mostra que, das 38 edições do *Lampião*, pouquíssimas foram as menções à velhice, tendo apenas 15 matérias espalhadas que traziam referências ao tema. Além disso, os discursos que falavam sobre isso na imprensa, tinham a ideia de colocá-la como uma fase de afastamento da vida produtiva, cabendo aos idosos a reclusão (Silva, 2023, p. 492-494).

Todas essas características relatadas levam a uma situação de hierarquização das vidas humanas, na qual as jovens são tidas como melhores que as velhas e as vidas *Queer* velhas nem sequer tem o direito de existir. Numa relação em que alguns são desejáveis e outros não entram no padrão base para isso. Assis traz para discussão o sentido do “ser humano” que, segundo a autora, “parece ser definido, assim, a partir do modo como alguns aspectos (raça, morfologia, sexo, etnia) são julgados culturalmente [...], de modo que se dá uma hierarquização e segregação das vidas, entre as que são viáveis e as que não são” (2021, p. 56).

Neste sentido, pode-se usar o conceito de “sonhos diurnos”<sup>11</sup>, elaborado por Ernst Bloch em 2005. Esses sonhos são o alvo da consciência utópica e são capazes de trazer à mente ideias que necessitam de elaboração, e não interpretação, ou seja, os sonhos diurnos, segundo Bloch, têm o poder de “entusiasmar e delirar, mas também ponderar e planejar” (apud Assis, 2021, p. 70). Colocando o conceito nos corpos *Queer*, o envelhecimento enquanto *Queer* ainda é sonhado diurnamente, ou seja, está ainda em um campo utópico, que necessita de elaboração, mas é possível. Dessa forma, as noções de futuridade ainda estão sendo pensadas e com isso, construídas.

Vale lembrar que *Cenas Queeritibanas nos Anos de Chumbo*, ao retratar o desejo amoroso e sexual dos personagens através de relatos, mostra que, mesmo passados vários anos entre período histórico retratado pelo documentário e 2024 (ano de produção do documentário), os espaços heterotópicos seguem sendo um refúgio e local de vivências desse tipo. Tal realidade é visível na história contada pela personagem Lourdes Marins que, em 2023, aos 75 anos, teve a oportunidade de beijar outra mulher em uma boate de Curitiba. Até o momento da gravação, que aconteceu em outubro de 2024, aquele havia sido o último beijo de Lourdes. Ao falar que às vezes pensa em ligar para um “disk sexo”, mas que desiste depois por “estar

---

<sup>11</sup> Em oposição aos “sonhos diurnos”, os “sonhos noturnos” estão no campo da psicanálise, como um retorno de um passado recalçado, reprimido e guardado no inconsciente (Assis, 2021, p. 69-70).

velha”, Lourdes mostra como a restrição da liberdade em viver o desejo amoroso e sexual continua vinculada aos espaços e realidades marginalizadas, como a da prostituição.

### 3.4 HISTÓRICO DE CURITIBA E SEUS POUCOS REGISTROS

Curitiba tem, até o momento, poucos registros sobre o histórico de luta e resistência LGBTI+ na cidade. Conhecida por seu caráter conservador, foi um local que demorou para ter sua primeira Organização da Sociedade Civil fundada com o intuito de defender os direitos daqueles que são dissidentes do sistema sexo-gênero dominante. O ainda atuante Grupo Dignidade, criado por Toni Reis e David Harrad, é considerado o primeiro grupo para defesa dos direitos das pessoas LGBTI+ fundado em Curitiba. Criado em 1992, o Dignidade veio 14 anos após a criação do Grupo Somos de Afirmação Homossexual, considerado o primeiro coletivo de ativismo e militância LGBTI+ no Brasil.

Porém, há indícios de organizações anteriores no Paraná. Como apontam Jeferson Ramos e Paulo Souto Maior no capítulo Inventando a dignidade: a emergência da luta homossexual organizada no Paraná, presente no livro Movimentos sociais e resistência no Sul do Brasil, organizado por Elenita Malta Pereira e Rose Elke Debiasi, há registros de representantes de Curitiba presentes no I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (I EGHO), que foi realizado em 1980 em São Paulo, capital, o que mostra vestígios de organizações paranaenses anteriores aos anos 1990 (2020, p. 72).

Além do movimento organizado, outra forma de luta que carece de registros na capital paranaense é a do Baile dos Enxutos, mais conhecido como Gala Gay, realizado na Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários, que com o passar dos anos, foi apelidada de “Ópera-Rio”. O Gala Gay era o momento em que Curitiba se despia da moralidade e se propunha a conviver com os devassos. O evento, que era realizado na segunda-feira de carnaval, lotava o Clube Operário (outro nome dado para a Sociedade Beneficente) com todo tipo de pessoas, que estavam lá para ver o desfile das travestis.

Nesse carnaval, a comunidade curitibana passava a entender um pouco dos “entendidos” (nome dado aqueles corpos dissidentes), como se Momo jogasse luz pelos cinco dias que decorriam do fim do expediente de sexta-feira até a quarta-feira

de cinzas. O Baile dos Enxutos serviu como espaço de resistência LGBTI+, mais especificamente, um local de resistência das travestis e mulheres trans em Curitiba, remonta ao início da década de 1960 e tem seus poucos registros resguardados em páginas velhas de jornais, como o *Última Hora*, *Diário Popular*, *Correio de Notícias* (Imagem 4) e *O Estado do Paraná*. Houve também uma revisitação do baile feito pelo Grupo Dignidade através do documentário *Resgatando o Gala Gay do Clube Operário*<sup>12</sup>, de 2010. No entanto, o Ópera-Rio sofre com um apagar histórico feito inclusive por bolas de demolição. Em 2021, o então prefeito de Curitiba, Rafael Greca, anunciou que o antigo prédio do Operário seria demolido e daria lugar para um “estacionamento inteligente”, fato que foi consumado<sup>13</sup>.

IMAGEM 5 – BAILE DOS ENXUTOS RETRATADO NO JORNAL *CORREIO DE NOTÍCIAS* EM 1995



FONTE: Grupo Dignidade, 2024.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u4SHLvDbpJ0>. Acesso em: 13 jun. 2024.

<sup>13</sup> REDAÇÃO. Prédio do Clube Operário é demolido e sede será estacionamento inteligente em Curitiba, anuncia Greca. **Tribuna**, 4 de maio de 2021. Disponível em: <<https://www.tribunapr.com.br/noticias/curitiba-regiao/predio-da-sociedade-operario-e-demolido-e-sede-sera-estacionamento-inteligente-em-curitiba-anuncia-greca>>. Acesso em: 7 de ago. de 2024.

## 4 PROCEDIMENTOS/MÉTODOS

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DA MODALIDADE ESCOLHIDA

O documentário é uma forma de representar a resistência LGBTI+ não apenas em palavras, mas em rostos, vozes e personalidades, indivíduos que têm suas histórias de resistência na cidade de Curitiba, Paraná. Por retratar a realidade, o documentário se torna o melhor modelo para trazer à tona as vivências e memórias desses sujeitos. Sérgio Puccini (2009), retrata bem este modo de fazer jornalístico em sua obra *Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção*:

O discurso do filme documentário tem por característica sustentar-se por ocorrências do real. Trata efetivamente daquilo que aconteceu antes ou durante as filmagens, e não daquilo que poderia ter acontecido, como no caso do discurso narrativo ficcional. Essa ancoragem no real vai encontrar seus procedimentos essenciais sempre na busca de sua legitimação. Entre depoimentos, entrevistas, tomadas *in loco*, imagens de arquivo, imagens gráficas etc., o filme reunirá e organizará uma série de materiais para formar uma asserção sobre determinado fato, que é externo ao universo do realizador (Puccini, 2009, p. 24).

Com esse retrato que Puccini traz do documentário fica evidente como ouvir e ver, através desta modalidade de produção, as pessoas que estavam presentes nos espaços ocultos à sociedade curitibana se torna algo necessário, afinal, assim representa-se a realidade dos fatos acerca do tema. Além disso, mostrar esses espaços físicos, estejam eles ativos ou não atualmente, coloca em discussão como essa ocultação se dava. Trazer esses corpos dissidentes à tela de uma televisão, computador, celular etc. é, portanto, apoiar a amplificação das vozes marginalizadas.

Deve ser lembrado que o Brasil passa por um período no qual políticas para a retirada de direitos da comunidade LGBTI+, como a já retratada na introdução deste trabalho, estão sendo analisadas. Também deve ser levado em conta que Curitiba é a capital de um estado (Paraná) que, em 2022, deu ampla maioria de votos (62,4% contra 37,6%) para a reeleição de Jair Bolsonaro<sup>14</sup>, um ex-candidato (e

---

<sup>14</sup> Veja mais em: BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. Justiça Eleitoral. **Resultados - TSE**. 2022. Disponível em: <https://resultados.tse.jus.br/oficial/app/index.html#/eleicao/resultados>. Acesso em: 12 dez. 2023.

ex-presidente) que já proferiu falas homofóbicas diversas vezes<sup>15</sup>. Ou seja, Curitiba é o epicentro de um estado com diversas pessoas que apoiam as políticas contra os corpos *Queer*. Tais fatos corroboram com a necessidade de um documentário que represente os sujeitos sexo-gênero dissidentes desta região.

Através do documentário, o tema pode ser tratado pelos recortes dados pelos entrevistados, contando suas histórias e indicando os lugares que frequentavam e os que não frequentavam. Sempre sendo pautado pelo olhar humanizado do documentarista em reconhecer que as falas colocadas no produto são fruto de resistência e resiliência de quem as conta, mas também podem ter sido causa de muita dor, física ou psicológica, para quem as conta.

#### 4.2 MATERIAS QUE INSPIRARAM O TCC

Entre os materiais que inspiram este Trabalho de Conclusão de Curso está uma professora e Drag Queen brasileira, filmes e documentários com temáticas próximas, peças de teatro etc.

A professora citada é a Drag Queen Rita Von Hunty, interpretada pelo professor e ator Guilherme Terreri Lima Pereira, formado em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Rita Von Hunty é quem dá as aulas, desde 2015, no canal do YouTube chamado *Tempero Drag*<sup>16</sup>. As temáticas dos vídeos são voltadas para questões sociais e políticas, sempre com humor e arte, característica da Drag Queen vivida por Terreri.

Os documentários aqui referidos com temática próxima ao do proposto neste trabalho está o *Dzi Croquettes*, de 2009, dirigido por Tatiana Issa e Raphael Alvarez, que conta a história dos *Dzi Croquettes*. Eles eram um grupo composto por 13 homens bailarinos, atores e cantores que, rompendo com os padrões sexo-gênero do Brasil da época da ditadura militar, faziam suas apresentações irreverentes.

---

<sup>15</sup> A exemplo, em 2011, em entrevista à revista *Playboy*, Jair Bolsonaro falou “*Seria incapaz de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de hipócrita aqui. Prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí*”. Esta e outras frases preconceituosas de Bolsonaro podem ser verificadas através da reportagem “*Veja 11 frases polêmicas de Bolsonaro*” disponível na Folha de S.Paulo através do link: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/veja-11-frases-polemicas-de-bolsonaro.shtml>>.

<sup>16</sup> Veja mais em: <<https://www.youtube.com/@TemperoDrag>>.

Outro documentário é o *Pray Away*, de 2021, disponível na plataforma de streaming Netflix e dirigido por Kristine Stolakis, que conta a história de pessoas que sobreviveram às “terapias de conversão” implementadas por instituições religiosas que, através de seus dogmas que desumanizam pessoas, transformando-as em monstros, prometeram as curar da homossexualidade, transexualidade etc.

Por fim, os filmes a que esse tópico se refere são vários, mas o principal é o chamado “Orações para Bobby” de 2009, dirigido por Russell Mulcahy, que conta a história de um menino homossexual (Bobby) que é rejeitado pela própria mãe, passa pela tentativa de ser “curado”, e acaba praticando o suicídio. Já a peça de teatro é a “Aniquilação”, apresentada em 2023 no teatro Cena Hum, de direção de Renato Cordeiro, que conta narrativas de vidas e subjetividades dos indivíduos LGBTI+ que foram afetadas pelas instituições sociais.

#### 4.3 O PRODUTO REALIZADO

O documentário tem duração de uma hora e 16 minutos, tendo em vista que foram feitas aproximadamente 11 horas de entrevistas com os personagens. Esta duração é necessária para trazer à tona, com a profundidade, o assunto dos espaços que serviam como resistência LGBTI+ em Curitiba. Além disso, por se tratar de um produto que envolve a memória e afetividade dos entrevistados, reduzir suas entrevistas para um documentário menor seria desrespeitoso com o tempo e disposição que os participantes tiveram para compartilhar suas lembranças de um tempo muitas vezes doloroso. Para isso, foram entrevistadas 10 pessoas, que estão listadas na Tabela 1.

Este relatório trata-se da parte teórica e técnica que serviu de base para a produção do documentário *Cenas Queeritibanas nos Anos de Chumbo*, que, devido ao tempo de duração do produto e seguindo as normativas da Agência Nacional do Cinema – ANCINE, é um longa-metragem, por ter mais de 70 minutos. Neste sentido, o documentário utiliza da sua característica de longa-metragem, para cumprir com o tratamento da memória dos entrevistados. Ou seja, este é um produto que envolve, desde o começo, a história dos espaços de sociabilidade LGBTI+ de Curitiba entre os anos 1970 a 1990 contada através de relatos de memória. Michael Pollak explica a memória, em *Memória, Esquecimento, Silêncio*, enquanto “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer

salvaguardar” (1989, p. 9) e, além disso, como “tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e de fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes” (Pollak, 1989, p. 9). Ou seja, as memórias dos entrevistados de *Cenas Queeritibanas nos Anos de Chumbo*, são histórias que, quando unidas num único produto, ajudam a traçar este pertencimento ao qual Pollak se refere.

Além das entrevistas, foi utilizado o acervo histórico que o Grupo Dignidade expôs de 16 de maio de 2023 até 17 de setembro de 2023 no Museu da Imagem e do Som do Paraná (MIS), exposição essa intitulada *Memórias da (R)existência LGBTI+ no Paraná*, e demais materiais que possuem relação com o tema deste trabalho para captação de imagens de apoio e cobertura. A primeira visita ao acervo do Grupo Dignidade, chamado Centro de Documentação Professor Doutor Luiz Mott, ocorreu no dia 28 de março de 2024.

O documentário foi realizado através de duas câmeras da linha Rebel, da Canon, que ajudaram a compor diferentes cenários e imagens. As câmeras utilizadas são uma Canon T100 e uma Canon T7, ambas EOS e com lentes que vão de 18 milímetros até 55 milímetros. Além disso, também houve o uso de uma lente fixa 50 milímetros, que possibilita maior entrada de luz. Estes recursos auxiliam na gravação de planos abertos e planos fechados. Gravadores de celular e lapelas foram utilizados para a captação do áudio durante as gravações.

*Fades* (transição entre imagens) foram usados apenas quando foram expostas informações que precisam de um tempo mais longo para que o público a processe e como recurso para enfatizar falas, demais transições serão feitas de forma direta, chamadas de “cortes secos”. O documentário gira em torno de três subtemas, semelhantes aos retratados no referencial teórico deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), os corpos monstruosos, os espaços de resistência ocultados, e o direito ao envelhecimento. A respeito desses subtemas, não há uma divisão explícita para eles, a passagem de um para outro é feita pela própria ordenação das falas dos entrevistados. Na tabela a seguir (Tabela 1), são listados todos os entrevistados do documentário, com suas respectivas profissões, assuntos que foram tratados durante as conversas e locais de gravação, como o teatro Cena Hum, de propriedade de um dos entrevistados, George Sada, casas de participantes que não puderam se deslocar ao auditório e locais públicos.

TABELA 1 – ENTREVISTADOS

<i>Entrevistado</i>	<i>Qualificação</i>	<i>Assunto que tratou</i>	<i>Espaço de gravação</i>
André Gentil	Jornalista, Publicitário e DJ	Boates que frequentou nos anos 80; histórias ocorridas nesses locais e em Curitiba; HIV/AIDS; LGBTfobia	Auditório do teatro Cena Hum
Deise Abreu Pacheco	Escritora e Professora	Boates que frequentou nos anos 80; histórias ocorridas nesses locais e em Curitiba; LGBTfobia	Auditório do teatro Cena Hum
George Sada	Ator e diretor de teatro	Boates que frequentou nos anos 80; histórias ocorridas nesses locais e em Curitiba; HIV/AIDS; LGBTfobia; direito de envelhecer	Auditório do teatro Cena Hum
Giovana Potier Peixoto	Fotógrafa	História da banda formada por lésbicas da qual fez parte, a Saída de Emergência; Boates que frequentou nos anos 80; histórias ocorridas nesses locais e em Curitiba; HIV/AIDS; LGBTfobia; direito de envelhecer	Auditório do teatro Cena Hum
João Negrão	Professor aposentado	Boates que frequentou nos anos 80; histórias ocorridas nesses locais e em Curitiba; HIV/AIDS; LGBTfobia	Auditório do teatro Cena Hum
Kândido de Oliveira	Jornalista	Período em que foi apresentador do Baile dos Enxutos	Galeria Tijuca
Lourdes Marins	Projetista	História da boate Marrakesh, a primeira boate para “entendidos” de Curitiba, da qual foi dona; direito de envelhecer	Residência da entrevistada
Nemécio Muller	Assistente Social	Boates que frequentou nos anos 80; histórias ocorridas nesses locais e em Curitiba; candidatura a vereador, taxado como “candidato gay”	Auditório do teatro Cena Hum
Rosângela Coelho	Empresária	História da boate Época (ou La Belle Époque) da qual foi dona	Auditório do teatro Cena Hum
Samantha Wolkan	Cuidadora de idosos	Transfobia; história dos Bailes dos Enxutos que participou; prostituição de mulheres trans e travestis	Residência da entrevistada

FONTE: O autor (2024).

Simultaneamente as entrevistas, foram realizadas diversas pesquisas em acervos da Biblioteca Pública do Paraná, da Fundação Biblioteca Nacional, através da Hemeroteca Digital, e do Centro de Documentação LGBTI+ Professor Doutor Luiz Mott, para encontrar reportagens, imagens, relatos, entre outros, que exemplificassem e pudessem ser utilizados como fonte de entendimento das falas dos entrevistados. Após a captação de todas as entrevistas e já com todos os

acervos documentais em mãos, o projeto passou para as fases de decupagem, criação do roteiro de montagem e edição. Na decupagem, foi utilizado o recurso Pinpoint, da Google, para transcrição do áudio. Posteriormente, realizou-se a leitura de todas as entrevistas e, através de divisões por cores, destacou-se temáticas em comum entre elas, sempre pensando na estrutura teórica e temática ao qual o produto se baseia. Simultaneamente a isso, foi utilizado o aplicativo de celular, Adobe Scan, para poder capturar os acervos físicos com a maior qualidade possível.

Em seguida, na criação do roteiro de montagem, pensou-se em uma linearidade narrativa que perpassasse por todos os pontos elaborados neste relatório técnico e teórico, que são: a violência LGBTfóbica; os lugares de sociabilidade do período de tempo retratado; contextos paralelos que se somam às histórias; e, por fim, o amor de velhos e o etarismo.

Montado o roteiro, passou-se para a edição do produto. Foi utilizado os programas Adobe Premiere Pro, Adobe After Effects e Adobe Media Encoder. No After Effects, foi realizado a vinheta do documentário, na qual passa o título *Cenas Queeritbanas nos Anos de Chumbo*. O título foi feito na tipografia Dot, como forma simular um painel de led e foi acrescentado um tom de roxo em neon no fundo para dar a luminosidade de uma discoteca. Aos fundos, é colocado a música sem direitos autorais *Disco Climax*, de An Jone, disponível na biblioteca de áudios do Youtube Studio. Já no aplicativo Adobe Premiere Pro, o documentário se inicia com a tela dividida em quatro quadrantes iguais, nos quais vão aparecendo sequencialmente oito dos dez entrevistados, com falas curtas que introduzem todos os temas do filme. Estes oito foram escolhidos por serem as pessoas LGBTI+ entrevistadas.

Passado esse momento, tem-se a vinheta e, posteriormente, inicia-se a sequência de falas alternadas entre os personagens para contar as histórias mostradas neste relatório. Planos diferentes de gravações foram utilizados para compor a estética e unidade visual, além de recursos de edição, como correção de iluminação e cor, destaque de textos em imagens de acervo e geradores de caracteres que dão créditos aos acervos e apresentam os personagens.

São utilizadas algumas telas com textos em voice off para poder dar uma linearidade narrativa ao produto. Ou seja, quando uma fala termina e a outra, logo em seguida, não entrega um bom gancho, de maneira que a transição de tema fosse suave, utilizou-se do recurso do texto em voice off. Ao final, o mesmo recurso de texto é utilizado para fazer uma reflexão acerca dos entendimentos que o Supremo

Tribunal Federal (STF) tem a respeito dos direitos LGBTI+. Após isso, sobem os créditos do documentário. Os geradores de caracteres foram feitos em tipografia Arial, por serem textos menores e terem fácil legibilidade quando estão por cima de um vídeo, mas, ainda assim, foi utilizado o recurso de “sombra” por traz da tipografia. Já os textos em voice-off, foi-se utilizada a fonte Book Antiqua, que é serifada e, portanto, facilita a leitura de textos maiores.

Os cortes entre os entrevistados são secos, ou seja, não há um efeito gráfico de transição, com exceção do início, quando a tela está dividida em quatro quadrantes, e na última cena, quando passa para o voice-off final. Durante os créditos, volta a tocar a trilha sonora da vinheta.

Vale ressaltar a importância do local utilizado na maioria das entrevistas, o auditório Cleon Jacques, do Teatro Cena Hum, dirigido por George Sada. As cadeiras do auditório, segundo informa Sada, são originalmente do Cine Glória, que ficava na Praça Tiradentes, no centro de Curitiba, espaço de pegação gay da capital. Além disso, o nome que o auditório carrega, é uma homenagem a Cleon Jacques, professor e diretor de teatro e também um corpo *Queer* que foi brutalmente assassinado a facadas, em 1997, conforme informa George Sada, amigo de Jacques.

O documentário terá, posteriormente, quando houver recursos para tal, a complementação com legendas e possibilidade de incluir um tradutor para Libras (Língua Brasileira de Sinais), para fins de acessibilidade. Porém, enquanto isso não acontece, pode-se utilizar das legendas do Youtube, plataforma na qual o documentário está disponível.

*Cenas Queeritibanas nos Anos de Chumbo* pode ser assistido ao acessar o seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=0dCah8zWbm4>

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Cenas Queeritibanas nos Anos de Chumbo* é, portanto, um acervo documental da memória LGBTI+, entre as décadas de 1970 e 1990, da capital paranaense, contada através da união de relatos de pessoas que viveram este “cenário *queer*”, que, com óticas particulares, ajudam a construir um registro da existência e resistência dissidente em Curitiba. Além disso, o documentário é um apelo para que, cada vez mais, os corpos *Queer* passem a ter o direito de envelhecer de maneira saudável e sem estigmas associados à orientação sexual, identidade de gênero ou idade.

Através deste produto, é possível conhecer espaços que o movimento LGBTI+ utilizou para poder sociabilizar e resguardar o próprio direito de existir em Curitiba entre a década de 1970 e a de 1990. É documentado a história daqueles que viveram o cenário *Queer* em Curitiba e, em contraste, expõe como está o cenário da luta LGBTI+ hoje, no Brasil, enquanto direitos adquiridos ou não. Além disso, conhece quais são as perspectivas que as pessoas que viveram o movimento *Queer* em Curitiba na época têm a respeito dos relacionamentos amorosos *Queer* velhos. Ademais, propicia o resgate e preservação da memória LGBTI+ através do jornalismo audiovisual documental.

Entre as principais constatações que se pode tirar do documentário, é a repressão social fortemente armada, inclusive institucionalmente, contra os corpos dissidentes de sexo-gênero. Havia claramente uma opressão maior às travestis, que eram presas com mais frequência. Também é possível destacar a dicotomia vivenciada pelas pessoas LGBTI+ da época retratada no tocante a liberdade. Estes sujeitos, para terem a liberdade de viverem enquanto corpos *Queer*, deviam estar dentro das quatro paredes de um gueto, que, ao mesmo tempo que protegia, cobrava por essa proteção, afinal, não se entra em uma boate, bar, cinema, sauna, entre outros, sem pagar. Ou seja, assim como destaca a personagem Deise Pacheco no documentário, só se havia liberdade, mediante uma restrição, seja de local, seja monetária.

É visível que, mesmo com o processo de redemocratização do Brasil tendo acontecido a partir de 1985, após o fim da Ditadura Militar, os corpos *Queer* ainda vivem às margens do autoritarismo e do moralismo sádico da época, quando Projetos de Lei, como o que foi aprovado na Comissão de Previdência, Assistência

Social, Infância, Adolescência e Família, referido na introdução, são propostos e analisados. Por fim, é possível concluir que, os corpos LGBTI+ chegam na velhice estigmatizados duplamente, por ser dissidente e por ser velho, levando estas pessoas a terem certas dificuldades em se relacionarem e acessarem direitos básicos, como saúde.

Tratando-se de um longa-metragem produzido ao longo de um ano com recursos limitados, por se tratar de um Trabalho de Conclusão de Curso, várias dificuldades foram encontradas, porém, superadas. Entre elas, estão a falta de uma câmera específica para gravação de vídeos, que permite maior tempo de gravação sem interrupção. Com a câmera Canon utilizada, apenas foi possível gravar 12 minutos sequenciais, obrigando a bater a claquete várias vezes ao longo das entrevistas e sincronizar todo o material em um único arquivo depois. Houve também a necessidade de conciliação com outras disciplinas da universidade e trabalho, o que demanda muita organização para não se perder na pesquisa. Entre as dificuldades técnicas, estão a falta de um computador com recursos potentes o suficiente para suportar sem travamentos aplicativos como o Adobe Premiere Pro na edição de um longa-metragem, foi necessário a aquisição de um HD externo para o armazenamento de vídeos brutos.

Entre dificuldades de pesquisa, está o encontro de registros documentais de uma população tão marginalizada durante o escopo de tempo abordado. A título de exemplo, não há registros fotográficos encontrados por esta pesquisa com relação à boate Marrakesh, primeira boate para “entendidos” de Curitiba. E existem poucos registros de boates como Época e Rio’s Club. Além disso, o encontro de personagens também foi difícil, uma vez que se trata de um tema sensível, fazendo com que muitos não queiram falar. Quanto mais marginalizado era o lugar, mais difícil foi encontrar relatos sobre, como no caso dos cinemas, em que o entrevistado não revela seu rosto nem voz. Durante o levantamento de possíveis entrevistados, houve pessoas que não responderam à tentativa de contato e outras que responderam com negativas, inclusive com uma mensagem dizendo apenas “Para”.

Independentemente das dificuldades, o projeto serviu para muita aprendizagem, foi possível fortificar os conhecimentos profissionais em pré-produção, produção e pós-produção de um documentário; melhorar a forma de como lidar quando as condições de gravação não são as ideais em iluminação, espaço, materiais, entre outros; e aprendizado em edições mais complexas em

*softwares* pouco usados durante a graduação, como Adobe After Effects. Enquanto crescimento pessoal, o documentário apoiou em uma formação humana, capaz de saber ouvir a história das pessoas e saber que cada ponto de vista tem seu valor na construção da memória. Ajudou também na aquisição de mais consciência enquanto pessoa LGBTI+ com relação a questões de onde a luta dos corpos *Queer* está social e politicamente na sociedade brasileira.

Para o futuro, é possível em pensar em vários desdobramentos deste documentário, afinal, várias histórias tiveram de ser cortadas para o corte final do documentário. É possível aprofundar em questões sociais como a atuação específica da polícia com corpos trans e travestis durante a Ditadura Militar; a estratificação em classes entre os espaços frequentados, sendo alguns mais acessíveis a públicos de baixa renda e outros mais orientados às classes médias; e o amor de velhos LGBTI+.

Ou seja, essa é uma história que não se limita aos anos 1970 a 1990, existe muita história anterior e posterior que, através de ganchos e visões dadas no documentário, podem ser exploradas.

*Cenas Queeritibanas nos Anos de Chumbo* é um chamado para a conscientização política e um apelo para o respeito às histórias, vivências e pessoas LGBTI+.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Fabiana Gomes de. **Queertopias**: corporalidades sonhadas em narrativas contemporâneas. Maceió: EDUFAL, 2021. 163 p. (Movências da Utopia v. 3).

ALIANÇA NACIONAL LGBTI+. **Carta da Diversidade**: plataforma nacional de direitos humanos e de cidadania das pessoas LGBTI+ para o estado brasileiro, incluindo agenda de controle social do executivo, no legislativo e a litigância estratégica no judiciário. Plataforma Nacional de Direitos Humanos e de Cidadania das Pessoas LGBTI+ para o Estado Brasileiro, incluindo agenda de controle social do Executivo, no Legislativo e a litigância estratégica no Judiciário. 2023. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/carta-diversidade/>. Acesso em: 06 maio 2024.

BELMONTE, Laura A. **LGBT+ na luta**: avanços e retrocessos. São Paulo: Contexto, 2024. 320 p. Tradução de: Alcebiades Diniz Miguel.

BLOCH, Ernst. **O princípio da esperança I**. Rio de Janeiro: EdUERJ, Contraponto, 2005. Tradução de: Nélío Schneider

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. Justiça Eleitoral. **Resultados - TSE**. 2022. Disponível em: <https://resultados.tse.jus.br/oficial/app/index.html#/eleicao/resultados>. Acesso em: 12 dez. 2023.

CÉSAR, Caio. Os trechos mais absurdos do PL que tenta proibir o casamento homoafetivo no Brasil. **CartaCapital**, 11 de out. de 2023. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/os-trechos-mais-absurdos-do-pl-que-tenta-proibir-o-casamento-homoafetivo-no-brasil/>>. Acesso em: 10 nov. 2023.

DIGNIDADE, Grupo. História. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/historia/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

FAUSTO, Boris. **O crime do restaurante chinês**: carnaval, futebol e justiça. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. In: FOUCAULT, Michel. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422. Tradução de: Inês Autran Dourado Barbosa.

GREEN, James Naylor. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no brasil do século XX. São Paulo: Unesp, 1999.

LEOPOLDO, Rafael. **Cartografia do pensamento queer**. Salvador: Editora Devires, 2020. 280 p.

MAIOR, Paulo Souto; QUINALHA, Renan (org.). **Novas fronteiras das histórias LGBTI+ no Brasil**. São Paulo: Elefante, 2023. 608 p.

MARTIN, Flavia. 'Stonewall brasileiro' aconteceu em São Paulo nos anos 1980, durante reabertura política do país. **O Globo**, 28 de jun. de 2019. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/brasil/stonewall-brasileiro-aconteceu-em-sao-paulo-nos-anos-1980-durante-reabertura-politica-do-pais-1-23769930>>. Acesso em: 6 maio 2024.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 580, de 27 de mar. de 2007**. Altera a Lei 10.406, de 10 de janeiro de 2002 — Código Civil, para dispor sobre o contrato civil de união homoafetiva. Brasília: Câmara dos Deputados, 2024. Disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=2449913&filename=Parecer-CDHMIR-2024-07-05](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2449913&filename=Parecer-CDHMIR-2024-07-05). Acesso em: 01 dez. 2024

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 01 jun. 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/issue/view/306>. Acesso em: 05 dez. 2024.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de Documentário: da pré-produção à pós-produção**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2011.

REDAÇÃO. Prédio do Clube Operário é demolido e sede será estacionamento inteligente em Curitiba, anuncia Greca. **Tribuna**. Curitiba, sem página. 4 maio 2021. Disponível em: < <https://www.tribunapr.com.br/noticias/curitiba-regiao/predio-da-sociedade-operario-e-demolido-e-sede-sera-estacionamento-inteligente-em-curitiba-anuncia-greca>>. Acesso em: 7 ago. 2024.

REDAÇÃO. Veja 11 frases polêmicas de Bolsonaro. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, sem página. 6 out. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/veja-11-frases-polemicas-de-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2023.

ROMERO, Abelardo. **Origem da imoralidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Conquista, 1967.

SALGADO, Ana Gabriela Aguiar Trevia et al. Velhice LGBT: uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros. **Ciências Psicológicas**, v. 11, n. 2, 2017, p. 155-163.

SILVA, Fábio Ronaldo da. Velhices gays nas publicações homoeróticas brasileiras (1978-2013). In: MAIOR, Paulo Souto; QUINALHA, Renan (org.). **Novas fronteiras das histórias LGBTI+ no Brasil**. São Paulo: Elefante, 2023. p. 489-511.

SILVA, Sandro. Pontos de encontro e desencontro: a sociabilidade e o cotidiano de homossexuais em ruas, cinemas, bares e boates na cidade do Recife (1970-1980). In: MAIOR, Paulo Souto; QUINALHA, Renan (org.). **Novas fronteiras das histórias LGBTI+ no Brasil**. São Paulo: Elefante, 2023. p. 301-320.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Monstros Ciborgues e Clones: os fantasmas da pedagogia crítica. In: DONALD, James; GIL, José; HUNTER, Ian; COHEN, Jeffrey Jerome. **Pedagogia dos Monstros: os prazeres e os perigos da confusão de**

fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 12-21. Tradução de: Tomaz Tadeu da Silva.

RAMOS, Jeferson; MAIOR, Paulo Souto. Inventando a dignidade: a emergência da luta homossexual organizada no paraná. In: PEREIRA, Elenita Malta; DEBIASI, Rose Elke (org.). **Movimentos sociais e resistência no Sul do Brasil**. Curitiba: Appris, 2020. p. 71-93.

REIS, Toni (org.). **Manual de comunica o LGBTI+**. 3. ed. Curitiba: Ibdsex, 2021. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/enciclopedia-lgbti/01-manual-de-comunicacao-lgbti/>. Acesso em: 6 maio 2024.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia   atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VIVAS, Fernanda; FALCÃO, Márcio. STF permite reconhecer ofensa contra LGBTQIA+ como injúria racial. **G1**, 21 de ago. de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/08/21/stf-forma-maioria-para-permitir-reconhecimento-de-ofensa-contr-lgbtqia-como-injuria-racial.ghtml>. Acesso em: 6 maio 2024.

## APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE MONTAGEM DO DOCUMENTÁRIO

Documentário - Cenas Queeritibanas nos Anos de Chumbo

**Por**

Gabriel Arouca Leão

**Tempo:** de 1:16'13"

**Tema:** História LGBTI+ de Curitiba, Paraná, associada a espaços de sociabilidade

**Nome do documentário:** Cenas Queeritibanas nos Anos de Chumbo

**Storyline:** Através do relato de dez entrevistados, o documentário conta como era a vida social das pessoas LGBTI+ de Curitiba entre os anos 1970 e 1990. O documentário passa por casas noturnas, saunas, cinemas e bailes, com foco maior no primeiro. Ao final do documentário, é traçado o panorama da sociabilidade dos personagens nos dias atuais, considerando questões como idade e sexualidade.

**ABERTURA :**

INT. (TEATRO CENA HUM E CASAS DE ENTREVISTADOS)

BG - Sem

Vídeos - HD Externo 01

GC - Sem GC

[Ação]

A tela é dividida em quatro partes, nas quais, sequencialmente, os entrevistados George, Giovana, João, Samantha, André, Deise, Nemécio e Lourdes, nesta ordem, aparecem dando seus depoimentos. Faixas das falas dos entrevistados ficam reduzidas enquanto um deles fala, mas sem deixar no mudo para dar a sensação de pluralidade de vozes. Completado o quadro com quatro entrevistados, os demais substituem sequencialmente. Ao final das falas, entra a abertura com a tipografia do título do documentário.

[Entram em cena os personagens George, Giovana, João, Samantha, André, Deise, Nemécio e Lourdes]

[GEORGE SADA]

[Diálogo] DI: 42'31" - DF: 42'35" | DI: 43' - DF: 43'02"

"Eu lembro com muito carinho dos lugares que eu fui, [...] faz parte da minha história, né?"

[GIOVANA]

[Diálogo] DI: 05'09" - DF: 05'19"

"'ai, vamos para uma boate gay', eu 'boate gay?'. Ela 'É, você não sabe onde tem?'. Eu falei, 'não'. Daí ela 'vamos de táxi, os taxistas sabem tudo'. Daí a gente pegou um táxi e foi".

[JOÃO]

[Diálogo] DI: 1:07'11" - DF: 1:07'24"

"O etarismo é uma coisa séria e que acontece. E aí ele é agravado na situação do gay".

[SAMANTHA WOLKAN]

[Diálogo] DI: 1:14'19" - DF: 1:14'36"

"Naquela noite, nós éramos as estrelas. Glamurosas, poderosas, belíssimas, muito cabelo, laquê, maquiagem e perfume".

[ANDRÉ GENTIL]

[Diálogo] DI: 27'24" - DF: 27'33"

"Quando eu esgotei tudo e vi que não nada vai surtir efeito mesmo, porque isso é o que eu sou aí me deu uma coragem muito grande".

[DEISE]

[Diálogo] DI: 02'23" - DF: 02'31"

"A gente não vive numa sociedade que compreende a experiência, né? As experiências LGBT, né?".

[NEMÉCIO]

[Diálogo] DI: 06'36" - DF: 06'40" | DI: 07'03 - DF: 07'05"

"Eu conheci a primeira boate, chamava-se Marrakesh. [...] E era assim, com um coquetel, né? Todos arrumadíssimos"

[LOURDES]

[Diálogo] DI: 03'18" - DF: 03'30"

"Como isso é bom guri, sabe, sentir o coração tum tum tum tum. Sentir a alma tum tum tum tum. Sentir aquele frio na nuca".

CORTAR PARA:

TELA PRETA

BG - Disco Climax - An Jone

Vídeo - HD Externo 01

GC - Centralizado na tela: **Cenas Queeritibanas nos Anos de Chumbo**

[Ação]

Entra de forma suave a arte computadorizada com o nome do documentário, tipografia remete a painéis luminosos de led, cor roxa é utilizada como brilho e iluminação da tipografia.

PASSAR PARA:

## **PRIMEIRO BLOCO: VIOLÊNCIA**

### **[Cena 1]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - *SEM*

Vídeos - HD Externo 01 > Deise - Entrevista Completa - Câmera 01

GC - Deise Abreu Pacheco, 53

Professora e escritora

[Ação]

Personagem Deise inicia o documentário tratando sobre como se deu a sua descoberta enquanto LGBTI+.

[DEISE]

[Diálogo] DI: 09'28" - DF: 09'41" | DI: 10' - DF: 10'23"

"Eu acho que eu percebi o meu desejo, mas eu não conseguia reconhecer que era um desejo por uma mulher, mas assim, era assim 'Nossa, que linda essa cantora que legal, olha como ela é bonita, olha como ela canta bem', é uma coisa mais ou menos assim. [...] Passado um pouquinho, eu também tive a experiência de conhecer uma pessoa que tinha uma abertura. E aí eu reconheci. mas me assustei muito nesse primeiro contato, esse primeiro beijo, eu fiquei muito assustada de me ver revelada para mim mesma, que aquilo que eu sentia era um desejo dessa natureza."

### **[Cena 2]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - *SEM*

Vídeos - HD Externo 01 > João - Entrevista Completa - Câmera 01

GC - João Negrão, 62

Professor aposentado

[Ação]

Personagem João dá continuidade ao tratamento da questão da descoberta enquanto LGBTI+.

[JOÃO]

[Diálogo] DI: 03'55" - DF: 04'02" | DI: 04'08" - DF: 04'25" | DI: 04'36" - DF: 04'58"

"Então foi na adolescência os primeiros contatos sexuais que eu tive foram com pessoas próximas. [...] Mas eu ainda tinha na minha cabeça que aquilo era só uma fase de descoberta, né de reconhecimento das coisas. E só que essa fase nunca passou. [...] Tive namoradas e tal, mas chegou um momento em que eu tive que me enxergar realmente como eu era, né? E qual era o meu qual era a minha a minha orientação sexual, né? E isso foi com 19 anos mais ou menos."

### [Cena 3]

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Entrevista André Gentil Completa

GC - André Gentil, 62

Comunicador e DJ

[Ação]

Personagem André dá continuidade ao tratamento da questão da descoberta enquanto LGBTI+.

[ANDRÉ]

[Diálogo] DI: 26'04" - DF: 26'26" | DI: 22'48" - DF: 22'55" | DI: 24' - DF: 24'12" | DI: 25'03" - DF: 25'09"

“Por isso, durante muito tempo eu cresci me achando uma figura assim, praticamente um unicórnio, uma figura encantada e única e não era né? Nunca fui. Mas demorou para cair a ficha. [...] Eu realmente me achava o único que eu me considerava uma coisa diferente de outros gays que eu conhecia. [...] eu não sou exatamente padrão, também não sou o mais discreto. Eu sei que eu tenho um componente de feminilidade muito grande. [...] então eu me achava, eu me achava o único gay de Curitiba.”

#### [Cena 4]

INT. (CASA SAMANTHA)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Samantha - Entrevista Completa -  
Câmera 01

GC - Samantha Wolkan, 54

Cuidadora de idosos

[Ação]

Personagem Samantha dá continuidade ao tratamento da questão da descoberta enquanto LGBTI+ e vincula o início da questão da LGBTfobia.

[SAMANTHA]

[Diálogo] DI: 00'13" - DF: 00'44" | DI: 00'49" - DF: 01'21" | DI: 01:09'19" - 01:09'42"

“Eu me descobri trans lá em Canoinhas, mas eu era uma criança. [...] Eu não sabia o que que era, eu não sabia porque que eu era diferente. As crianças diziam ‘viadinho! viadinho!’ e eu achava que era alguma coisa, mas eu não entendia que aquilo era uma ofensa. [...] aos 13 anos de idade os meus pais, o meu pai na verdade, minha mãe não, mas o meu pai falou ‘não quero mais ele aqui, eu não quero mais isso. Ou ele sai daqui ou eu mato ele’. E a minha mãe aceitou que eu fosse embora aos 13 anos de idade e eu fui embora e construí uma vida depois disso. [...] Eu tinha 13 anos, tem noção de uma criança de 13 anos de idade. [...] Por sorte um puteiro me recebeu, eu

fui trabalhar de cozinheira na zona, que se não eu ia, não sei o que que aconteceu na minha vida.”

**[Cena 5]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > George - Entrevista Completa - Câmera 01

GC - George Sada, 61

Diretor de teatro

[Ação]

Personagem George dá continuidade à questão da violência LGBTFóbica.

[GEORGE]

[Diálogo] DI: 12'30" - DF: 12'49" | DI: 14'06" - DF: 14'24"

“Eu sou de uma geração, onde tudo é muito proibido, né? Onde falar da homossexualidade não era possível dentro de casa. Eh, havia aquela coisa esquisita que a gente tinha de ‘que que tá acontecendo comigo?’, aquele vizinho, aquele menino que a gente olhava e achava bonito. [...] O medo era algo que era muito grande, inclusive de sair da escola, do portão, porque você poderia ser pego, você poderia, você poderia apanhar, é e eu não podia contar pro pai não podia contar pra mãe porque tinha alguma coisa ‘de que será que sou eu que tô Provocando isso?’, né?”

**[Cena 6]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Deise - Entrevista Completa - Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem Deise dá continuidade à questão da violência  
LGBTFóbica.

[DEISE]

[Diálogo] DI: 34'30" - DF: 34'42"

"Início dos anos 90, era quase impossível você ver  
duas pessoas vivendo uma cena de afetividade, ou  
homoafetividade em público."

**[Cena 7]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Giovana - Entrevista Completa -  
Câmera 01

GC - Giovana Portier Peixoto, 58

Fotógrafa

[Ação]

Personagem Giovana dá continuidade à questão da violência  
LGBTFóbica.

[GIOVANA]

[Diálogo] DI: 26'32" - DF: 26'55" | DI: 27'06" - DF:  
27'15"

"Uma vez eu fui dar, fui dar, fui deixar minha  
mulher em casa. E daí fui, dei um beijinho nela. Aí  
tava passando um cara, um cara começou a esmurrar o  
carro e sai daqui sai daqui suas lésbicas. [...] Mas  
foi muito ruim, foi uma coisa que o meu coração  
bateu na na boca assim, sabe? De medo mesmo. Tive  
medo. Tivemos né? Nós duas."

**[Cena 8]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Entrevista André Gentil Completa  
GC - SEM

[Ação]

Personagem André dá continuidade à questão da violência  
LGBTfóbica.

[ANDRÉ]

[Diálogo] DI: 21'18" - DF: 21'46"

"Tudo, tudo o que tinha na mídia, ou mesmo no dia a dia na imprensa, que tratasse de gays, de homens homossexuais, era terrível ou era o eh, era umas pessoas assassinadas, eram as pessoas que pegavam e passavam HIV, imagina né? Uma desinformação Total."

**[Cena 9]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > João - Entrevista Completa - Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem João introduz proteção do gueto.

[JOÃO]

[Diálogo] DI: 43'19" - DF: 43'30" | DI: 43'40" - DF: 43'58" | DI: 44'21" - DF: 44'25"

"De repente, ah encontrou num bar comum. Começa a paquerar alguém a pessoa corresponde ou não corresponde. [...] e de repente a pessoa levanta da mesa, e dá um murro na cara, esse era o risco que você tinha, indo num ambiente que não fosse específico, né? E aí nas saunas, nos bares, boates,

esse risco não existia. Então essa coisa do Gueto te proteger um pouco, né?"

**[Cena 10]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Giovana - Entrevista Completa - Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem Giovana dá continuidade à questão da violência LGBTFóbica e introduz a questão da liberdade no gueto.

[GIOVANA]

[Diálogo] DI: 29'18" - DF: 29'50"

"Eu por exemplo vejo muitas jovens, né? Eh, já vejo que são homossexuais, são lésbicas, são homo. Então assim, tá muito mais livre. Isso é legal. Eu acho essa liberdade que tem hoje e que não tinha na minha época, né? Então a gente foi travado com isso, não, não podia fazer nada, de olhar para o lado que meu Deus, né? E ou assim o medo também de encontrar um pai, ou um colega do teu pai ou da tua mãe e você saindo de uma boate gay."

**[Cena 11]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Deise - Entrevista Completa - Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem Deise dá explícita a questão da liberdade no gueto.

[DEISE]

[Diálogo] DI: 21'02" - DF: 21'27"

"Acho que a palavra Liberdade, acho que ela é muito importante nesse contexto. Que é uma, parece uma coisa meio paradoxal, né? E é né? É porque você tá dentro de um gueto. Então você tem que estar num lugar fechado para experimentar essa liberdade. Então é dentro de um ambiente restrito. E mais contraditório ainda, na maioria dos casos, um lugar que você tem que pagar para entrar, né? Ou para sair."

PASSAR PARA:

**SEGUNDO BLOCO: LUGARES**

**[Cena 12]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Nemécio - Entrevista Completa -  
Câmera 01

GC - Nemécio Müller, 68

Jornalista, Assistente Social

[Ação]

Personagem Nemécio inicia a falar do Marrakesh.

[NEMÉCIO]

[Diálogo] DI: 39'06" - DF: 39'20" | DI: 39'24" - DF: 39'32" | DI: 40'14" - DF: 40'17" | DI: 40'19" - DF: 40'43" | DI: 40'53" - DF: 41'02" | DI: 42'03" - DF: 42'18"

"Tinha 17 17 para 18 anos em não sei eu tive uma nota baixa da escola [...] e meus pais disseram assim, olha você tem que conhecer o portão da rua a rua vai ser uma será uma escola para você. [...] Vá procurar o trabalho. Só quer saber da vida mansa, né? Se esforçando para isso. E eu fui para rua, né. [...] Daí

eu tô descendo, né? Tô vindo do jardim social, [...] e já passei ali no Castelinho do Marrakesh. Vi aquele né, fervo todo e tinha um gênero Moreno, Magrinho, ó, sabe bem de ver, de cabelo preto, franja e tinha um risco de lápis assim no olho, né, magrinho, magrinho magrinho, e disse assim 'escute, eh, você não é aquele cara que faz rádio, Nemécio'. [...] 'Eu tô aqui na esquina. Porque eu tava, eu atendo meus clientes e eu vou para a boate'. 'Ah é uma boate?' 'é, Marrakesh' [...] Deixa eu terminar meu trabalho, eu vou te apresentar para a Baixa, para a dona aqui da boate e nessa nessa de apresentar, eu acabei entrando, né?"

### [Cena 13]

INT. (CASA LOURDES MARINS)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Lu Marins - Entrevista Completa - Câmera 01

GC - Lourdes Marins "Baixinha", 76

Projetista e antiga dona da boate Marrakesh

[Ação]

Personagem Lourdes fala do Marrakesh.

[LOURDES]

[Diálogo] DI: 21'35" - DF: 21'55" | DI: 01'35" - DF: 01'52" | DI: 39'05" - DF: 39'27"

"Eu conheci essa menina de Porto Alegre, foi num desfile de moda e na casa de uma outra amiga, à tarde, tal, e daí eu acho ela muito meio alopradinha. Não sei, vou morar em Curitiba e blá blá blá e veio. [...] Fui tentar uma outra modalidade de vida e foi muito divertido, né? Nossa foi divertido demais entendi foi uma experiência de vida maravilhosa. [...] que nós começamos a aglutinar a fauna, eu acho que começou a acontecer ali por 75 alguma coisa assim. Entende? Depois veio né? Um outro evento esporádico e depois veio o Marrakesh, então foi tudo em torno aí, de uns 3 anos."

**[Cena 14]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Nemécio - Entrevista Completa -  
Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem Nemécio continua a falar do Marrakesh.

[NEMÉCIO]

[Diálogo] DI: 42'29" - DF: 42'48" | DI: 43'07" - DF:  
43'27"

"Ela fazia uma simulação de coquetéis. Você pagava uma entrada, uma taxinha, tinha o bar com garçom e ta ta ta. Só que daí você passava pela cozinha e ia para a lavanderia. Tinha uma escada num terreno assim, íngreme, sabe? Abaixava. E embaixo tinha um sótão que o sótão era a boate. [...] Então, nossa, eu falei assim gente tudo aquilo começou a me encantar, me despertar um conhecimento e entender, né? E principalmente com o Gerson Egias que já faleceu. Eh, ele era biólogo. Acabou sendo biólogo. Hã. O apelido dele era magro porque ele era muito magro."

**[Cena 15]**

INT. (CASA LOURDES MARINS)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Lu Marins - Entrevista Completa -  
Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem Lourdes fala da inauguração do Marrakesh.

[LOURDES]

[Diálogo] DI: 23'10" - DF: 23'55" | DI: 24'15" - DF: 24'18" | DI: 26'33" - DF: 26'57"

"Inaugurou-se o Marrakesh, foi hilariante e foi muito bem divulgado, né? Era alguma coisa assim, é 'Uma noite no Oriente, vulgarmente chamando reunião de donos de petróleo', tá era a caráter ou fantasia. Então surgiram Black Tie, smoking e túnicas. Chegou-se até, porque você sabe que a imaginação dos meninos não tem limite, né arrumar uma liteira [...] e chegaram no Marrakesh carregando essa liteira. [...] uma raquete explodiu de uma forma que eu cheguei a entrar em São Paulo, no Ferro's, e não me cobrarem. Entende? Não me cobrarem e no Flowers, em Porto Alegre, a mesma coisa, né? De repente alguém dizia, 'olha, essa é a baixinha, a baixinha do Marrakesh de Curitiba'."

### [Cena 16]

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Nemécio - Entrevista Completa - Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem Nemécio introduz o Celsu's Bar.

[NEMÉCIO]

[Diálogo] DI: 45' - DF: 45'12" | DI: 46'23" - DF: 46'30" | DI: 46'49" - DF: 47'13" | DI: 55'44" - DF: 56'12" | DI: 47'35" - DF: 47'41" | DI: 51'07" - DF: 51'10"

"Eu fiquei morando com o Gerson e a mãe dele, um apartamento ali perto do Couto Pereira, um bom tempo, um bom tempo até me fixar arrumar um emprego. [...] Aí nós fomos eh, no Celsu's Bar, ficava na Trajano Reis, era divertidíssimo. [...] O Celso, como ele fazia teatro, era muito divertido. Ele criava assim o troféu não sei das quantas, né? A bonita. A feia. E fazia os troféus muito engraçados, sabe, de abóbora de pepino de frutos. Enfim, eu inclusive

recebi o pepino de ouro. [Risos] Foi muito engraçado. [...] A diferença é essa, o Marrakesh acho que foi um glamour, e Celso Filho, já foi assim uma coisa sabe que teve, foi uma inserção, uma condução para outros eh personagens públicos, né? Porque você tinha acesso a escritores. Eh, que ali se libertavam naquele espaço. [...] O Celsu's bar foi assim, histórico porque era onde a gente se reunia. [...] Depois vieram outros espaços, né?"

**[Cena 17]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Deise - Entrevista Completa - Câmera 01

GC - *Trecho do livro Começando Albertina: nossa vida no armário nos anos 90, escrito por Deise.*

[Ação]

Personagem Deise inicia a introdução da boate Época com a leitura do livro.

[DEISE]

[Diálogo] DI: 48'28" - DF: 49'25

"Época era o nome de uma boate para entendidos e entendidas e era assim mesmo que se falava naquele tempo, inaugurada em Curitiba no ano de 1981. Na verdade, ao que parece, começou como La Belle Époque, através de uma sociedade que não prosperou entre o ator e bailarino José Celso Filho, conhecido como Tia Ciça, e o empresário da noite José Carneiro. Este primeiro Época ficava na Avenida Sete de Setembro. E esse local, em particular, é importante porque a casa foi reinaugurada em outros endereços posteriormente, mas o que me interessa aqui é esse primeiro endereço que de fato, eu frequentei. Infelizmente não encontrei quase nenhum registro documental a respeito, o que é realmente uma pena, já que, como se dizia, o Época era uma super babado forte.

**[Cena 18]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Rosângela - Entrevista Completa -  
Câmera 01

GC - Rosângela Coelho,  
Antiga dona da boate Época

[Ação]

Personagem Rosângela introduz o La Belle Époque.

[ROSÂNGELA]

[Diálogo] DI: 00'07" - DF: 00'19" | DI: 00'30" - DF:  
01'09" | DI: 01'45" - DF: 02'12" | DI: 02'20" - DF:  
02'22"

"Nós fomos assistir Um Show no barzinho no Celso bar, conhecemos Celsius que era um artista já de uma certa idade. [...] E resolvemos investir, entende? Nos Celso Filho, artista, a gente procurou um local e apareceu um restaurante muito especial que se chamava Clécio de Assis, que era da elite de Curitiba, e ali nós abrimos o Café Concerto La Belle Époque, que era um teatro de revista dirigido pelo Celso Filho. E o Celso ficou com a gente um ano, e então [...] a gente optou por fechar as portas e fazer uma obra grande, transformar toda numa discoteca e permanecer com o mundo gay, [NEMÉCIO] dos entendidos, né? [...] E assim nasceu o Época."

**[Cena 19]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > João - Entrevista Completa - Câmera  
01 | HD Externo 01 > Entrevista André Gentil Completa | HD  
Externo 01 > Giovana - Entrevista Completa - Câmera 01.

GC - SEM

[Ação]

Personagens João, Giovana e André falam dos ritos de arrumação.

[JOÃO]

[Diálogo] DI: 54'18" - DF: 54'30"

"Difícilmente a gente ia sozinho, principalmente no sábado, né? Difícilmente você chegava lá sozinho. Normalmente, você chegava já com um grupo de amigos, né?"

[GIOVANA]

[Diálogo] DI: 20'39" - DF: 20'41" | DI: 20'52" - DF: 20'56"

"A gente se encontrava antes na casa de alguém, [...] levava uma cervejinha e tal já ia tomando e tal e íamos felizes e contentes."

[ANDRÉ]

[Diálogo] DI: 57'34" - DF: 57'47" | DI: 58' - 58'18"

"Todo mundo escolhia as roupas que usar, se vestia, se montava, que a gente dizia, se maquiava, emprestava coisas. [...] Aí saímos em bando, era bem 80 isso assim. Saía, a nossa turma saía, e encontrava com outras. Aí tinha uma, era uma espécie de competição para ver quem tava com o último grito da moda, quem tava mais por dentro que tava acontecendo."

## [Cena 20]

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > George - Entrevista Completa - Câmera 01.

GC - SEM

[Ação]

Personagem George dá continuidade ao Época.

[GEORGE]

[Diálogo] DI: 29'38" - DF: 30'26"

"Quando eu fui pela primeira vez a uma boate, que foi a La Belle Époque, em 1983, setembro de 83. Eu fui com um grupo de colegas do curso de psicologia. Vamos vamos vamos vamos eu fervendo, né? Vamos lá, incentivando tudo, na hora que entrou, vi dois homens se beijando, queria virar e ir embora. Não foi você que quis vir, aí me jogava lá para dentro e eu falei gente tem dois homens se beijando, por dentro assim inveja. Como eu queria fazer o mesmo né? Então era algo assim que parecia Opa eu acho que eu conheci a fábrica de chocolate, né? Eu acho que A Fabulosa Fábrica de Chocolate existe em algum lugar nesse mundo e volta e meia, depois daquele primeiro contato, era pegar carro, era passar na frente, era ficar ali no escuro".

**[Cena 21]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Entrevista André Gentil Completa

GC -

[Ação]

Personagem André dá continuidade ao Época.

[ANDRÉ]

[Diálogo] DI: 09'54" - DF: 10'09" | DI: 10'29" - DF: 11'05" | DI: 11'27" - DF: 11'42"

"E você conseguir encontrar a tua turma no caso eu um homem gay queria encontrar outros homens gays para socializar para se divertir. Eh, eh, eh eh era um poucos os locais que tinham. [...] Essa coisa de noite, principalmente aqui em Curitiba, bar, boate, nem precisava ser exatamente a boate gay, mas existia um preconceito contra a vida noturna, quem trabalhasse noite ou era viado, travesti, drogado ou Marginal. Não tinha muitas escapatórias, sabe. E a

gente e eu cresci aqui. Morei em Porto Alegre, morei no Rio de Janeiro, que é um foram locais que eu tive mais acesso a essa cultura da noite. [...] E eu, quando eu voltava aqui para Curitiba, eu sentia falta disso, eu falei 'ué, mas onde que eu vou encontrar as pessoas mais arejadas', né? Praticamente não existia, existia um local ou outro assim.

### [Cena 22]

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Giovana - Entrevista Completa -  
Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem Giovana dá continuidade ao Época.

[GIOVANA]

[Diálogo] DI: 04'52" - DF: 04'58" | DI: 05'07" - DF: 05'09" | DI: 05'19" - DF: 05'23" | DI: 05'32" - DF: 05'47"

"Então o primeiro lugar, que é a primeira vez que eu entrei, foi no Época, que se chamava La Belle Époque antes. [...] Eu fui com uma prima minha que morava em Nova Iorque. [...] O taxista nos deixou na La Belle Époque, foi assim que eu entrei a primeira vez em uma boate. [...] Eu era menor ainda, mas aí minha prima me maquiou e tal, para ficar com cara de mais velha, pra gente poder entrar né? Naquela época não tinha esse negócio de ah documento e tal era mais ameno essa coisa assim, né? Mas para mim foi assim, meu Deus, eu parecia que eu estava no Olimpo.

### [Cena 23]

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Deise - Entrevista Completa - Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem Deise dá continuidade ao Época.

[DEISE]

[Diálogo] DI: 23'14" - DF: 23'22" | DI: 23'42" - DF: 24'34" |

"Eu tinha um amigo aqui, que também é ator, e que a gente ia junto, que ele tava meio se descobrindo também. [...] Na época, eu tava aprendendo a fazer maquiagem na faculdade e tinha um negócio chama olho de Pribyl, que é um olho que você faz assim, aumenta o seu olho dentro do teatro, uma maquiagem do teatro teatro antigo, que o olho fica grande, você faz uma coisa assim. E aí eu falei, ele falou. Ah, por que que você não faz o seu olho de Pribyl, eu era uma coisa meio maluca, né? Você fazer um olho de Pribyl numa boate, não faz mas não é sentido. Mas eu tinha 18 anos. Sei lá, 19, eu não sei, eu resolvi fazer o olho de Pribyl e era tipo assim uma quinta-feira, só que era o dia que eu podia ir porque não sei porque. E a gente resolveu que a gente queria, e a gente queria ir. tanto a gente fez, que a gente foi. E aí era muito engraçado, porque a gente chegou lá tipo 10 horas da noite e eu com o olho de Pribyl. E só tinha eu, ele, acho que a moça que tocava o violão, a pessoa que atendia o bar porque não tinha mãe ninguém, era tipo uma imagina uma quinta-feira. Sei lá, não sei se era quarta ou quinta, em Curitiba num dia chuvoso."

**[Cena 24]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Rosângela - Entrevista Completa - Câmera 01

GC -

[Ação]

Personagem Rosângela continua a falar do Época.

[ROSÂNGELA]

[Diálogo] DI: 06'37" - DF: 06'57" | DI: 07'07" - DF: 07'16" | DI: 08'03" - DF: 08'22"

"Todo mundo dava desculpa para ir no Época, 'ai, eu vou lá para ver meu filho' que está aí, ou 'eu vou procurar o namorado da minha filha', né? E a realidade não era bem isso, né? E os artistas todos, todos até Henriqueta Brieba, [...] todos que estavam em Curitiba, estavam na minha casa porque eles chegavam ali e eles se sentiam num ambiente normal.

[...] Não sei como, mas meu marido era português, né? Então ele trazia a música e conhecia vários comandantes da FAB, que traziam do mundo todo, nós lançávamos a música. E tinha a nossa casa, tinha uma acústica muito boa."

### [Cena 25]

INT. (CASA LOURDES MARINS)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Lu Marins - Entrevista Completa - Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem Lourdes fala do som do Marrakesh.

[LOURDES]

[Diálogo] DI: 22'52" - DF: 23'10" | DI: 27'47" - DF: 28'04"

O som é tinha um rapaz, não sei se ainda está no Guaira, que era o Cesinha, Cesarte era o nome artístico dele, que era o sonoplasta do Guaira que levava na época Picape e caixa de som e tal pro Marrakesh. [...] E outra coisa que o Cesinha fazia também, ele denominava mixagem ao vivo. Esse era o

termo hoje se fala Dj mas via se falar DJ quase 30 anos depois guri.

**[Cena 26]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > João - Entrevista Completa - Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem João dá continuidade ao Época.

[JOÃO]

[Diálogo] DI: 56'55" - DF: 57'42"

"Um amigo meu, que era gay, mas era da polícia. E aí ele foi escalado, estava de plantão e foi escalado para fazer a batida lá na boate. E aí ele foi, só que ele era assim, junto da gente na boate, tá? Ele era um pouco afeminado, assim e de repente chega, esse menino era alto, bem mais alto que eu. Chega ele, com aquela pose dele de macho, né, mandando o povo para a parede e revistando, com a arma na mão, aquela coisa toda.

**[Cena 27]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > George - Entrevista Completa - Câmera 01.

GC - SEM

[Ação]

Personagem George dá continuidade ao Época.

[GEORGE]

[Diálogo] DI: 58'25" - DF: 59'07" | DI: 59'22" - DF: 59'27" | DI: 59'49" - DF: 59'59"

"Quando chegava na pista, eram degraus, parecia arena de gladiadores, você tinha três, quatro degraus contornando assim como se fosse uma ferradura um U. E aí você já via do outro lado, também tinham colunas, a pista no meio com muitas luzes coloridas. Ao fundo outro balcão de bebidas, aqui o palco do DJ que era aberto e indo reto aqui pro lado que você poderia né contornando. Indo reto, você ia para o banheiro masculino, que tinha algo assim para proteger a entrada, e do lado o feminino. Nesse daqui, eu peguei um namorado meu pegando outro e dei uma surra de jaqueta. [...] Então é engraçado que assim, né? Aquelas que acabavam de chegar ficavam dançando lá em cima, tipo. A gente falava que era galeria. [...] Nossa, eu sou difícil, fico lá em cima no terceiro degrau. Não rolou nada nos dez primeiros minutos, desce para o segundo, vou ver se alguém encontra e assim até chegar na pista de baixo, quando chegava assim embaixo, entregava para Deus."

### [Cena 28]

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Entrevista André Gentil Completa

GC -

[Ação]

Personagem André dá continuidade ao Época.

[ANDRÉ]

[Diálogo] DI: 41'10" - DF: 41'14" | DI: 42'13" - DF: 42'43" | DI: 42'45" - DF: 42'58" | DI: 43'17" - DF: 43'48" | DI: 43'55" - DF: 44'11"

"Quando eu fui conhecer o Época, que era na Sete de Setembro, [...] eu me produzi todo para ir, porque moda era uma coisa muito importante para mim, no meu comportamento, na minha forma de me expressar. Então era o auge do Romantic New Wave, eu comprei uma blusa branca de labour. [...] E ela era branca, branca

mesmo assim, o lugar todo era com luz, aquela luz que tudo que era branco ficava néon assim gritava. [...] Provavelmente algum frequentador não gostou, achou que eu tava produzido demais e me passaram dejetos do banheiro nas minhas costas, em toda minha camisa branca, sem que eu notasse porque eu tava meio entretido ali com aquele espaço novo, meio nervoso meio Encantado. [...] E comecei a sentir um cheiro ruim, um cheiro ruim, quando eu vi, quando eu fui ao banheiro, tinham passado bosta em toda minhas costas e eu não tive que fazer daí eu fui para casa, né? Essa foi minha primeira experiência, cheguei aqui em Curitiba.

**[Cena 29]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Giovana - Entrevista Completa -  
Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem Giovana dá continuidade ao Época.

[GIOVANA]

[Diálogo] DI: 16' - DF: 16'20" | DI: 16'42" - DF: 17'20"

"Olha tem uma história. Assim que foi muito engraçada que eu nunca esqueci na minha vida. Que que assim naquela época tinha algumas batidas policiais assim, né que davam boates em bares e tal tipo Mão na Parede acende luz. Apaga o som, desliga tudo e tal e nós estávamos lá na época. [...] E aí nesse dia que chegou a batida policial lá foi muito engraçado. E aí acenderam todas as luzes da boate. Aí você fica assim, né vendo a cara real das pessoas, né? Aquela coisa. Aí os policiais entraram assim dentro e tal do lugar, aí um policial disse 'agora mulheres para um lado e homens para outro' aí todo mundo uuuuuuuuh foram todos para o mesmo canto, foi muito engraçado aquilo. Eu ri demais, foi assim a cena muito hilária. E aí Os policiais ficaram

olhando assim sem saber o que fazer, foi todo mundo pro mesmo lugar e as bichas 'Ah e vamos para lá, mulheres, mulheres' foi muito engraçado.'

**[Cena 30]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > George - Entrevista Completa - Câmera 01.

GC - SEM

[Ação]

Personagem George dá continuidade ao Época.

[GEORGE]

[Diálogo] DI: 1:01'20" - DF: 1:01'50"

"Eu lembro uma vez, no carnaval, convidaram todos para irem fantasiados. E Eu fui de egípcio. E eu fui de egípcio, não tinha mais ninguém fantasiado, era só eu, nunca pensei tanta vergonha, de saiote, maquiado, um turbante ilustrado na cabeça, uma fantasia que meu irmão tinha feito. Não peguei ninguém claro. Só bebi, voltei para casa bêbado. Era um egípcio trançando as pernas voltando para casa."

**[Cena 31]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Giovana - Entrevista Completa - Câmera 01 | HD Externo 01 > João - Entrevista Completa - Câmera 01 |

GC - SEM

[Ação]

Personagens Giovana e João falam do Rio's Club e da Heliziane.

[GIOVANA]

[Diálogo] DI: 00'46" - DF: 00'54" | DI: 02'46" - DF: 03'19" | DI: 01'10" - DF: 01'29".

"Eu e minhas amigas na época, a gente montou uma banda chamada saída de emergência que era só mulheres. [...] Marta Costa era a vocalista, tinha uma voz parecida com a da Paula Toller, né para ter uma referência. Daniela Braga era a nossa guitarrista. Tocava muito bem. A Soninha que é a idealizadora do nome da banda e tal e eu que era baterista, né, Giovana. E a gente também tocava músicas autorais e a gente também fazia cover, né? Tocava muita coisa do Lobão na época do Cazuza, né da própria Marina Lima, né? Que nós todas éramos apaixonadas por Marina Lima. [...] Daí a gente começou a tocar aí no circuito, né, de Curitiba das boates gays e tal. Até tem algumas fotos aqui, né? Nossa, da banda, da época que a gente tocou num bar gay chamada Rio's Club que era assim bastante agitado, né?"

[JOÃO]

[Diálogo] DI: 24'52" - DF: 25'22"

"Era uma boate mais simples, boate mais, em termos de frequência, as pessoas mais pobres na verdade. Mas havia muito, havia um hábito de você frequentar ou Época e num determinado momento da noite, você descia para Rio's Club."

[GIOVANA]

[Diálogo] DI: 19'13" - DF: 19'26"

"A gente ia a pé, né? Então assim, a gente primeiro entrava na Época, às vezes não tava legal na Época a gente entrava 'ah, está o ó' vamos sair e a gente já ia na Rios, então saía de uma já entrava na outra a pé, né? Meia quadra ali já estava."

[JOÃO]

[Diálogo] DI: 25'24" - DF: 25'52"

"Tinha uma promoter lá da boate que é a Helisiane que fazia shows e ela cantava, ela não só ela mas ela terminava o show sempre cantando músicas do Fábio Júnior, ela se parecia com ele se fez parecer com Fábio Júnior. E aí ela encerrava o show e daí o pessoal saía do época na hora do show e ia para

Rio's Club e muitas vezes era terminar do show voltava época.”

PASSAR PARA

TELA PRETA

BG - Sem

Vídeo - Sem

GC - Centralizado na tela: Cada lugar que acolhia os "entendidos" ajudava a redefinir o mapa de Curitiba. Lugares inicialmente ordinários, tornavam-se pontos de ser e existir. Ainda assim, muitos desses locais não aceitavam travestis e mulheres trans, que tinham para si o Baile dos "Enxutos" no Clube Operário.

[Ação]

Entra de forma suave o texto introduzindo o Baile dos Enxutos.

PASSAR PARA:

**[Cena 32]**

INT. (CASA SAMANTHA e GALERIA TIJUCAS)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Samantha - Entrevista Completa -  
Câmera 01 | HD Externo 01 > Entrevista Completa Kândido 01

GC -

[Ação]

Personagens Samantha e Kândido introduzem o baile dos Enxutos

[SAMANTHA]

[Diálogo] DI: 25'13" - DF: 25'30" | DI: 26'55" - DF: 27'11"

“O Baile Operário, uma coisa normal o ano todo, mas quando chegava o carnaval, na época primeiro chamava um baile dos enxutos. [...] Era um baile assim, onde elas se expunham belíssimas, sempre, uma mais linda que a outra. E sem medo de ser agredida.”

[KÂNDIDO]

[Diálogo] DI: 01'21" - DF: 01'47"

GC - Kândido de Oliveira

Jornalista e Apresentador do Baile dos  
Enxutos/Gala Gay

"O Curioso de tudo a tudo isso que os jurados eram autoridades personalidades ministros governadores senadores que vinham para a comissão julgadora deste famoso concurso aqui no estado do Paraná e era interessante que essas autoridades esses homens trazia as esposas as esposas usavam aquela máscara

[SAMANTHA]

[Diálogo] DI: 27'53" - DF: 28'12" | DI: 28'24" - DF: 28'55" | DI: 30'02" - DF: 30'41"

Prefeito, vereador, sabe, pessoas pessoas de estirpe na sociedade, como não queriam ser reconhecidos, eles botava uma máscara usava esse artifício e uma para assistir as meninas. E era o glamour! [...] Era muito brilho, muito paetê, muita pluma, muito glamour. Só que era assim. Era muita festa, era muito chique, muito naquela noite. Na outra noite já voltava tudo. No ritmo normal. [...] O Baile do Operário era maravilhoso, era estupendo. Era assim, o único dia do ano em que nós éramos as verdadeiras estrelas, que a gente alcançava o ápice da situação, a gente se produzia, ficava linda, maravilhosa e todo mundo aplaudia, gritava e sabe? Nossa era maravilhoso."

[KÂNDIDO]

[Diálogo] DI: 02'19" - DF: 02'30" | DI: 00'09" - DF: 00'51" | DI: 03'02" - DF: 03'14"

"Ali desfilavam, a cada ano, no carnaval, de 35 a 50 travestis na passarela do operário aqui em Curitiba. [...] Veja que esse trabalho, especificamente o meu trabalho no Baile dos Enxutos, que mais tarde se transformou no Gala Gay aqui da capital do Estado do Paraná, reunia travestis na passarela, vindos de todas as cidades, todos os municípios aqui do Estado do Paraná, de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, enfim, praticamente o Brasil todo vinha pra cá pra assistir o Gala Gay que é começou como Baile dos Enxutos. E um detalhe, eu apresentei 19 anos

este concurso e durou aproximadamente uns 30 anos. [...] Esse meu trabalho de apresentador foi para o rádio, para televisão e a gente transmitia o Baile dos Enxutos, o Gala Gay, direto do operário para o rádio e também para televisão.”

[SAMANTHA]

[Diálogo] DI: 01:12'00" - DF: 01:12'25" | DI: 01:13'33" - DF: 01:13'55"

No começo era uma passarela alta, entendeu? É lá onde a gente desfilava, depois mudou, entendeu? Mas assim, o pessoal do operário eles tinham muito respeito, eles ganhavam muito dinheiro com a gente. [...] Nós estávamos todos os dias nas esquinas da cidade, sendo chacota, sendo humilhada, levando ovada, batatada, pedrada. Mas naquele dia nós éramos as estrelas.

[KÂNDIDO]

[Diálogo] DI: 07'11" - DF: 08'08"

Ele começou, o Baile dos Enxutos, mais nesse clima do luxo, mais nesse segmento do luxo, belos vestidos, muito brilho, muita pedraria muitas né? Isso. Começou assim, vestido longo e tal e tal. Só que tinha um detalhe: mesmo na época do luxo do vestido, a segunda parte do desfile sempre foi entrar de biquíni, ou seja, né? Um biquíni já mostrando o corpo, o alguns já vinham de topless, né? Sem a parte de cima, já com uma boa maquiagem. Quem já sentiu que o corpo estava bem era bonito já tava explorando mais, tirando a parte de cima na segunda parte do desfile. Da metade pra frente desses 30 anos aproximadamente, que durou esse Gala Gay do Baile dos Enxutos aqui no Operário em Curitiba, já foram tirando fora o vestido.

[SAMANTHA]

[Diálogo] DI: 32'19" - DF: 32'55"

“Eu tenho uma foto minha com um vestido preto transparente com duas estrelas de strass no seio, entendeu? Coisa mais linda do mundo. Agora já tô coroa, né? Mas eu sei o que eu vivi e eu sei o que elas viveram, infelizmente a maioria delas já não está mais aqui para contar história, mas eu estou, eu estou aqui para contar e para dizer que nós sobrevivemos.”

[KÂNDIDO]

[Diálogo] DI: 03'20" - DF: 04'08" | DI: 16'15" - DF: 16'30" | DI: 16'47" - DF: 17'01"

Me lembro de um detalhe, um episódio, durante o desfile. Uma travesti de aproximadamente 1,90 m de altura. Ele é magro, né 1,90 m de altura, e ele estava, ele veio de São Paulo, e estava confiante na sua vitória. E ele não ganhou, não pegou nem o terceiro lugar, não alcançou nem a terceira colocação. O que ele fez? Ele foi até o camarim e voltou sem roupa, sem o biquíni, totalmente nu, entende? E ele tinha assim um membro tanto avantajado. Ele tirou para fora assim e mostrava para a comissão julgadora, sabe como um revólver, mostrava e falava alguns palavrões ali, né? [...] E muitos, muitos partiam para cima da comissão julgadora, eh, eu tinha um Jogo de cintura muito grande, eu administrava e, como apresentador, eu cuidava muito das palavras para não dar ênfase para um menos para outro sabe? Eu tinha muito cuidado. [...] Teve jurado que caiu do primeiro andar ali, porque ali era era assim, era um mezanino, né? O Operário, ele tem o salão de baixo e a passarela lá em cima e os jurados ficavam no mezanino. Na altura do da passarela."

[SAMANTHA]

[Diálogo] DI: 31'10" - DF: 32'07"

"Eram muitas trans, muitas, mas trans, trans, pessoas trans era Márcia Regina, era Tuca Rubirosa, era Jully Anderson, a Brenda Blue, Carla Preta, Baby Garroux Baby Pancada. Eram tantas, eu não vou conseguir nominar todas, mas eram pessoas que enfrentavam a sociedade, entendeu? Elas não deitavam. 'Vai tomar né? Vai se lascar, mas que eu vou viver eu vou ser quem eu sou e pronto'."

[KÂNDIDO]

[Diálogo] DI: 01'04" - DF: 01'19" | DI: 15'18" - DF: 15'23"

"Este concurso, realizado no Operário, Sociedade Beneficente e Protetora dos Operários, conhecida como Ópera-Rio ou Sociedade Operária, no Alto São Francisco, na praça João Cândido, aqui em Curitiba. [...] Hoje, não existe mais nem o prédio, né? Foi destruído como Patrimônio Histórico."

**[Cena 33]**

INT. (CASA SAMANTHA)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Samantha - Entrevista Completa -  
Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem Samantha fala da prostituição.

[SAMANTHA]

[Diálogo] DI: 19'51" - DF: 20'18"

"Naquela época ninguém aceitava uma pessoa trans para trabalhar em nada, em nada, em nada. Nem se fosse para ser coveiro, não servia. O preconceito era generalizado, ninguém aceitava uma pessoa trans para nada. Então a trans servia só para prostituição."

[Diálogo] DI: 19'37" - DF: 19'41"

"Não é como, hoje. Hoje, eu sou uma cuidadora de idosos, hoje tenho uma profissão."

[Diálogo] DI: 40'31" - DF: 40'58" | DI: 41'14 - DF: 41'34"

"A gente começava a se montar às cinco horas da tarde, às 5 horas da tarde, às 8 horas da noite saía. Eu, naquela época eu tinha o que? 16, 17 anos, então eu não. Era menina né, garota? Aí eu saía cedo. [...] Era um atrás do outro, um atrás do outro, um atrás do outro. Quando dava 10 horas da noite eu tinha que sair vazada, porque daí chegavam as outras, entendeu? Aí chegava as 'peitão', as 'bundão', né? Aí elas botavam para correr."

[Diálogo] DI: 06'42" - DF: 07'26"

"Eu tenho uma facada nas costas porque uma vez eu saí com um cliente e a gente fez um programa e ele me amou. No final das contas, depois dele já ter

finalizado, ele se revoltou, eu tava de costas, faltou 1 cm para furar o meu pulmão. Ele me deixou no motel e deixou o dinheiro para pagar o programa.”

[Diálogo] DI: 09'57" - DF: 10'37"

É muito difícil, é muito complicado, sabe? Você como ser humano, como pessoa, você achar assim 'poxa, será que eu sou só isso'. É triste. Eu vi tanta gente morrer, eu vi quanta gente perder a vida, por nada! Tomar uma facada, tomar um tiro por ser trans.”

[Diálogo] DI: 14'26" - DF: 14'40"

“Por isso hoje eu... eu tento esquecer sabe? Tento me afastar desse mundo porque é muito complicado.”

[Diálogo] DI: 58'42" - DF: 59'13"

“Mataram um travesti na esquina, vamos dizer assim mataram 8h da noite. 6h da manhã o corpo estava lá ainda que a polícia não quer nem saber. Quantas vezes ia lá juntar bicha morta, botar no carro, arrumar um carro e levar.”

[Diálogo] DI: 21'30" - DF: 22'12" | DI: 23'29" - DF: 23'47"

“A partir dos anos 77, 78 por aí, a Márcia Regina comprou um terreno no cemitério Santa Cândida e daí ali a gente fez um lugar para poder enterrar as nossas meninas. Então aqui tem mais, muito mais de 40, 50 trans. Daí elas puderam ter um pouco de dignidade, de ser enterradas. [...] E falou, decretou, 'este terreno vai ser para trans que precisarem ser enterradas, que nós vamos ter muitas trans e vão precisar desse lugar'. Isso nós estamos falando de 30 a 40 anos atrás.”

PASSAR PARA:

### **TERCEIRO BLOCO: CONTEXTOS PARALELOS**

#### **[Cena 34]**

INT. (CASA SAMANTHA)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Samantha - Entrevista Completa -  
Câmera 01

GC - *SEM*

[Ação]

Personagem Samantha introduz a Polícia.

[SAMANTHA]

[Diálogo] DI: 24'20" - DF: 24'46"

"Conta a lenda que, um dia, um policial veio de cavalo e quis botar ela para correr, ela passou uma rasteira e derrubou o policial de cima do cavalo. Derrubou o cavalo com a rasteira. Mas isso conta a lenda, eu não tava presente nisso."

**[Cena 35]**

INT. (CASA SAMANTHA)

BG - *SEM*

Vídeos - HD Externo 01 > Samantha - Entrevista Completa -  
Câmera 01

GC - *SEM*

[Ação]

Personagem Samantha fala da Polícia.

[SAMANTHA]

[Diálogo] DI: 18'24" - DF: 18'47" | DI: 01:16'14" -  
DF: 01:16'41"

"Não existia meninas, para eles eram homens vestidos de mulher, eles batiam, eles espancavam, sofríamos todo tipo de violência que você possa imaginar. [...] Às vezes você ia ficar meia hora lá, às vezes ficava 3, 4 dias. [CORTE] Um dia eu desci, eu morava na Visconde de Guarapuava, eu desci e fui no mercado

real, no meio da quadra, eu descii 10h da manhã para ir buscar pão e voltei para casa 3 dias depois.”

**[Cena 36]**

INT. (CASA LOURDES MARINS)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Lu Marins - Entrevista Completa - Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem Lourdes fala da polícia.

[LOURDES]

[Diálogo] DI: 40'56" - DF: 41'21" | DI: 42'01" - DF: 42'51"

“Uma ocasião que eu estava jantando e, num restaurante português, e falaram ‘volta correndo pro Marrakesh porque tá [sons de confusão] e eu saí voando, quando atravessei ali que entrei na Marechal Deodoro, eu já vi lá em cima assim, só isso giroflex ‘chop, chop, chop, chop’, era um pinheirinho lá em cima. [...] E eu vi uns caras lá de metralhadora todos de terno. E alguém disse assim ‘é essa aí, é essa aí’ e o cara de terno procurando e eu na frente dele, só que o cara tinha dois metros de altura e eu 1,50 e o cara procurando e o outro dizendo ‘é essa aí’. Aí o cara fez assim. E olhou para outro e disse ‘quem?’. ‘É ela que a dona’, o cara olhou para mim. Olha eu não lembro se o cara não esboçou um sorriso, como quem diz, ‘você tá de brincadeira, isso aí, dona disso aqui, que vocês estão dizendo que tá pervertendo uma cidade inteira’.”

**[Cena 37]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > João - Entrevista Completa - Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem João fala da polícia.

[JOÃO]

[Diálogo] DI: 01:02'00" - DF: 01:02'19" | DI:  
01:02'28" - DF: 01:02'40"

"Difícilmente eles faziam batidas e encontravam alguma coisa. A maioria das vezes não encontrava nem os menores, nem droga, nem coisa nenhuma, era só para mostrar, fazer um pouco de intimidação mesmo. [...] Porque daí eles, enquanto policiais, são, se acham muito machos, né? E aí, você que é gay, eles podem até transar com você, mas o viado sempre fica sendo você."

**[Cena 38]**

INT. (CASA SAMANTHA)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Samantha - Entrevista Completa -  
Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem Samantha fala da língua como proteção.

[SAMANTHA]

[Diálogo] DI: 01:24'00" - DF: 01:24'16" | DI:  
01:24'18" - DF: 01:24'27" | DI: 01:24'37" - DF:  
01:25'02" | DI: 01:25'30" - DF: 01:25'36"

"A gente conseguia se comunicar sem que as pessoas entendessem, entendeu? Então era o bajubá das Mona. [...] Era Vital que a gente conseguia se proteger usando a essa essa linguagem. [...] Os Alibã, os alibã. Ah os Alibã, era a polícia. Picumã, cabelo.

Odara, coisa grande. Matin, coisa pequena. Apeti, Seios. Tinha, dava para a gente se proteger. [...] 'Mona! Desaquenda, os Alibã, os Alibã!'era cada uma correndo para um lado."

**[Cena 39]**

INT. (CASA LOURDES MARINS)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Lu Marins - Entrevista Completa - Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem Lourdes fala da polícia.

[LOURDES]

[Diálogo] DI: 43'58" - DF: 44'14"

"A delegacia de menores volte meia eu lá, entende? A gente não tinha menores. Na verdade, até tinha, o Andrezinho que a gente escondia ele. Mas era um cavalo de um cara, entende? Mas tinha ali 16 anos."

**[Cena 40]**

INT. (CASA SAMANTHA)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Samantha - Entrevista Completa - Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem Samantha fala do sangue como proteção.

[SAMANTHA]

[Diálogo] DI: 01:20'15" - DF: 01:20'23" | DI: 01:20'57" - DF: 01:21'15" | DI: 01:21'31" - DF: 01:21'57"

"Muitas trans, as poucas que estão vivas hoje ainda, que você vê, elas têm os pulsos cortados. [...] Aí tem essa história das bichas que usava a gilete dentro da boca, né? Que isso é famoso. E é verdade, é verdade. Cortava metade da Gillette e aquela metade. [...] Quando a polícia vinha para prender. Tirava, como já tinha o buchicho do HIV, sangrou azar, ele já nem chegava perto. Só que com isso, elas criaram várias cicatrizes, várias tiveram hemorragia."

### [Cena 41]

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > George - Entrevista Completa - Câmera 01.

GC - SEM

[Ação]

Personagem George dá início ao assunto HIV/AIDS.

[GEORGE]

[Diálogo] DI: 31'37" - DF: 32'39"

"A história da AIDS chega no Brasil invadindo o universo carioca. E ainda assim as pessoas diziam 'não vai chegar aqui, não vai chegar aqui, não vai chegar aqui', mas quando chegou, chegou de uma maneira muito violenta e muitos eh foram infectados, né? E aí a boate passa a ter inclusive uma mudança de iluminação, né? A minha lembrança, para alguns amigos não, mas a minha lembrança é que a boate passa, tem inclusive uma música mais pesada. Até porque também tinha essa mudança dos ritmos, né a partir de 83, 34. Aí a gente vê algumas bandas, né? Eh nascendo nessa época de 84, diferente da discoteca, enfim. Mas também a luz ela começa a apagar para muitas vezes as pessoas não se verem e não serem reconhecidas."

**[Cena 42]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Giovana - Entrevista Completa -  
Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem Giovana dá continuidade à questão do HIV/AIDS.

[GIOVANA]

[Diálogo] DI: 30'45" - DF: 30'55" | DI: 30'57" - DF:  
31'26"

"Foi impactante porque era uma doença que ninguém sabia, né? O que que podia causar? Como que pegava como que infectava. [...] Eu lembro que eu tava numa, eu tava, eu tava em Santa Catarina até vendo uma matéria um jornal e nessa matéria apareceu o Cazuzza entrando na piscina de um hotel e as pessoas simplesmente saíram da piscina porque ele já tava contraído, né? Já tinha contraído e achei aquilo, assim, muito aterradorizante, assim, na minha cabeça, porque o preconceito realmente não é só contra os gays, né? Mas aí a doença do gay não é só a doença do gay, né?"

**[Cena 43]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Entrevista André Gentil Completa

GC - SEM

[Ação]

Personagem André dá continuidade à questão do HIV/AIDS.

[ANDRÉ]

[Diálogo] DI: 34'32" - DF: 34'47" | DI: 37'14 - DF: 37'57"

"A gente, assim, tinha medo de tudo, a gente tinha medo de nos bares, nas boates, e beber o copo que a casa te oferecia. Aquilo tava bem lavado? Se pega pela saliva? Né? Era... Foi um momento de terror mesmo, de horror. Resfriou essa onda Progressista que tava vindo muito legal, de conquistas, de abrir espaços, deu uma refreada bruta aí tanto que logo em seguida a gente caiu nos anos 90 no em termos de Cultura pop, né do Grunge, que era aquela coisa, camisa de flanela, despenteado, vamos tocar um rock aí. Muito triste que era exatamente o oposto né do bom da discoteca, do New Wave, colorido, dançar, sair, alegria aí teve a ressaca, o ressacão."

**[Cena 44]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > João - Entrevista Completa - Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem João dá continuidade à questão do HIV/AIDS e introduz as Saunas.

[JOÃO]

[Diálogo] DI: 41'58" - DF: 42'24" | DI: 50' - DF: 50'29"

"Você frequentava a sauna porque era um ambiente específico, um ambiente com uma clientela específica. Então você se sentia seguro quanto a isso porque você sabia que você não ia ser rejeitado, não ia apanhar, não ia ser humilhado muitas vezes, xingado. [...] E elas passaram por um por um período de muita acusação que elas eram verdadeiros transmissores do HIV, era um ambientes

propícios para transmissão do HIV e isso numa visão conservadora, puritana, né, e punitiva inclusive.”

**[Cena 45]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > João - Entrevista Completa - Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem João dá continuidade à questão das Saunas.

[JOÃO]

[Diálogo] DI: 37'10" - DF: 37'35" | DI: 38' - DF: 38'04" | DI: 38'27" - DF: 38'38" | DI: 38'48" - DF: 39'21"

“Eu frequentava a cara cala foi, a primeira sauna que eu frequentei, que eu acho que é a mais antiga no meu conhecimento, né? E era um ambiente onde você sentia bem à vontade, porque era engraçado, as pessoas não, tinha não tinha garota de programa que frequentavam, [...] se tivesse que acontecer alguma coisa era entre os clientes. [...] A sauna tem uma característica muito interessante, do meu ponto de vista, que é a padronização. Porque quando todo mundo fica nu, você não tem a diferença quer dizer da qualidade do tecido da tua camisa, para camiseta que o outro tá usando, da tua roupa, cara ou barata, tá todo mundo com a mesma toalha, com o mesmo chinelo, é tudo muito muito igual.”

PASSAR PARA

TELA PRETA

BG - Sem

Vídeo - Sem

GC - Centralizado na tela: Além de bares, boates e saunas, os cinemas de rua também atuaram como espaço de vivências

homoafetivas. O seguinte depoimento foi dado sob a condição de manter em sigilo a identidade da pessoa entrevistada.

[Ação]

Entra de forma suave o texto introduzindo os cinemas.

**[Cena 46]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > George - Entrevista Completa - Câmera 01.

GC - SEM

[Ação]

Personagem George introduz Cinemas.

[GEORGE]

[Diálogo] DI: 15'40" - DF: 15'55" | DI: 16'21" - 16'58"

"Eu lembro que 1976 teve lançamento do filme Guerra nas Estrelas, e foi lançado no Cine Avenida eu fui assistir, eu tinha 13 anos de idade, uma calça boca assim no xadrez cinza. [...] E do meu lado sentado um homem bem mais velho, eu lembro dele, inclusive o rosto dele um pouco assustador até a lembrança, assim. E aí eu lembro de ele me tocar, dentro do cinema, e isso foi algo que me deu um estado de que eu digo de estupor, né de não sabia o que tá acontecendo, achar que aquilo era coisa da minha cabeça. E eu lembro que ele tentava com a mão esquerda me pegar e pegava, botava a mão nas minhas pernas eu tirava eh, e aí eu tive que ir embora antes de acabar o filme.

**[Cena 47]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Nemécio - Entrevista Completa -  
Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem Nemécio fala sobre candidatura a vereador

[NEMÉCIO]

[Diálogo] DI: 01'09" - DF:01'17"

"Eu, sem querer, acabei sendo candidato, em 82, a vereador." [...]

[Diálogo] DI: 05'22" - DF: 05'37"

"Eram cinco candidatos jovens que representariam o direito, medicina, engenheiros, arquitetos e psicólogos, eu fazia direito então eu tinha uma vaga porque eu era aluno de direito." [...]

[Diálogo] DI: 03'32" - DF: 03'39"

"E eu fui candidato e de repente me puxaram o tapete." [...]

[Diálogo] DI: 08'18" - DF: 08'23"

Mas eu falei assim 'vocês são vão criar a sexta vaga. E essa vaga Não Abro Mão', 'mas como assim você vai ser candidato, representando quem?' 'As minorias'." [...]

[Diálogo] DI: 10'03" - DF: 10'13"

"E aí eu fui, sabe, caçando todos os, prostitutas, os lixeiros, o varredor de rua, o sapateiro, pedreiro, auxiliar do pedreiro." [...]

[Diálogo] DI: 17'07" - DF: 17'28"

"Com letras desse tamanho, a manchete: 'Paraná terá seu primeiro candidato gay prometendo 24 mil votos'. Tudo era relacionado a isso a 24, a 24, né? Ou seja, 24 no jogo do bicho é veado. Entendeu? E eu não me identificava com aquela manchete." [...]

[Diálogo] DI: 17'33" - DF: 17'48"

"Aí as pessoas, algumas pessoas na rua, quando começou essa explosão com o meu nome e a visibilidade, eu fui agredido. Bateram no meu carro, eh. Quebraram os vidros." [...]

[Diálogo] DI: 26'30" - DF: 26'40"

"Quando eu estava me dirigindo para a última sessão, às 2 horas da manhã, para conferir o mapeamento. Eu recebo um telefonema de um político muito famoso da época." [...]

[Diálogo] DI: 26'50" - DF: 26'54"

"'Nemécio, acontece o seguinte, você é um problema'." [...]

[Diálogo] DI: 27'55" - DF: 28'02" | DI: 28'14" - 28'17"

"'Nemécio, eu não vou por você', que eram votos escrutinados, de papelzinho, eh 'vai dar um apagão'. [...] Mas você, eu quero 10.000 dólares".

[Diálogo] DI: 35'34" - DF: 35'38"

"Perdi a campanha política, meus votos foram para outro candidato."

PASSAR PARA:

#### **QUARTO BLOCO: ETARISMO/AMOR DE VELHOS**

##### **[Cena 48]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Giovana - Entrevista Completa -  
Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem Giovana inicia questão da idade/etarismo/amor de velhos.

[GIOVANA]

[Diálogo] DI: 27'23" - DF: 27'41"

"Eu acho que, também a gente fica mais velho, já não frequenta mais esses tipos de lugares mais jovens, e tal. Porque já estão também, é outra mentalidade. Eu acho que a gente já passou por essa fase e assim procura, eu procuro não eh, vamos dizer assim, causar."

**[Cena 49]**

INT. (CASA LOURDES MARINS)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Lu Marins - Entrevista Completa -  
Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem Lourdes dá continuidade à questão da idade/etarismo/amor de velhos.

[LOURDES]

[Diálogo] DI: 03'51" - DF: 04'04"

"Às vezes eu vejo alguém na televisão assim eu falo 'vem aqui pro sofá comigo para ver o resto da série'."

[Diálogo] DI: 04'20" - DF: 04'51"

"aquela Demi Moore, meu Deus do céu, o que era a criatura, sabe era um sonho era um bombom, né de chocolate. Então coisas que Deus colocou para serem admiradas e cobiçadas, né? O menino era bonito entende, mas sabe, mas era um menino eu, eu fico mais fazendo lá minhas esculturas com a Demi Moore."

[Diálogo] DI: 05'52" - DF: 06'50"

"O meu primeiro caso durou pouco, entende? A gurua me sacaneou, né? Que é história meio do que se funde ali com o Marrakesh. Mas depois eu comecei que seria na minha vida um grande amor. Durou 15 anos. Depois

acabou. Aí, fiquei uns 4 anos mais ou menos, e daí surgiu uma outra criatura maravilhosa, entendi. Não tinha nada a ver com o primeiro, a primeira era alta esguia, nariz assim grego e tal, e essa era baixinha, entroncadinha, sabe, parrudinha. Mas tinha um coração assim.”

[Diálogo] DI: 07'43" - DF: 08'04"

“Você não sabe o que amor de velho você sofre sofre sofre sofre sofre. Olha não tem, não tem, não tem, entende? É uma coisa que dilacera e você se segura para não cometer uma heresia.”

[Diálogo] DI: 11'08" - DF: 11'37"

Claro que às vezes eu penso assim. Ah, eu acho que vou ligar para um dia esquece sexo, sabe? Vou pagar para ver. Não tem disque sexo no iFood acho que eu vou ligar, né? Mas depois você pensa assim. Ah, pare com isso. Você tá velha. Vai para tua cama, toma banho, vai dormir, mas já pensei eu sou sincera. Já pensei”

[Diálogo] DI: 12'08" - DF: 12'18"

“Mas não arrisco que um dia eu não faça, porque eu acho que enquanto você tem vida, você tem anseios, você tem vontade.”

## **[Cena 50]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > George - Entrevista Completa - Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem George dá continuidade à questão da idade/etarismo/amor de velhos.

[GEORGE]

[Diálogo] DI: 49'23" - DF: 49'41"

"Eu tive relacionamento recente, uma diferença de idade muito grande, e eu tenho dito que me surpreendeu muito né. de eu ter vivido um período onde sofri muito mais preconceito, né da diferença de idade do que pela própria homossexualidade."

[Diálogo] DI: 51'22" - DF: 51'57"

"Eu hoje tenho 61 anos de idade e quando eu iniciei minha vida, meu universo, né homossexual, eu pensando 'meu, depois dos meus 30 ninguém mais quer ficar comigo, eu vou estar velho' é quando chegamos 40 tem aquela crise, né? A crise dos 40, 41, 42, 43 e assim vai, tem a crise dos 50. E aí começa desistir de ter a crise dos 60, enfim. E aí a gente passa a ter realmente 'quer saber é isso mesmo, né? Não tem tu, é tu mesmo, to com essa idade'."

[Diálogo] DI: 55'21" - DF: 55'48" | DI: 56'01" - 56'05"

"Sim, aos 60 anos, você acaba tendo um olhar crítico, desacreditado, enquanto o desejo, enquanto sedução, enquanto tesão, enquanto performance sexual, enquanto E aí vai, então há um fantasma. Eu acredito que há. Mas tem flores nesse caminho. [...] mas eu quero continuar me apaixonando. E que se apaixonem por mim. Muito, porque eu estou vivo!"

### **[Cena 51]**

INT. (CASA LOURDES MARINS)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Lu Marins - Entrevista Completa - Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem Lourdes dá continuidade à questão da idade/etarismo/amor de velhos.

[LOURDES]

[Diálogo] DI: 15'22" - DF: 15'34"

"Eu lembro nitidamente há um ano e dois ou três meses atrás, o Albertinho me convidou para ir numa festa."

[Diálogo] DI: 15'54" - DF: 16'09"

Daí ele disse que 'não, é uma homenagem. Porque nossa o Marrakesh' e tal papapapapapapa. E eu lembro que uns dias antes eu tinha pensado assim: 'Ah, eu nunca mais vou beijar ninguém'."

[Diálogo] DI: 16'17" - DF: 16'41"

"E daí eu fui nessa festa. Até tinha um Palco que era quase uns 50 centímetros mais alto, não tinha degrau, e eu fui subir e daí apareceram mais cinco, seis, sete, 10 pessoas para me ajudar. A anciã, a subir."

[Diálogo] DI: 16'49" - DF: 17'07"

"Daí aconteceu lá a apresentação eu falei, falei do Marrakesh e daí desci desse tablado, sentei, tinha umas cadeiras muito confortáveis assim bem tropicais e fiquei sentadinha ali."

[Diálogo] DI: 17'20" - DF: 18'52"

E tal nisso veio uma criatura, entende, mas era a senhora criatura, brincando, brincando uns 50 anos mais nova que eu, entende? Falou assim. 'Você sabe beijar?' Acho que foi isso. Eu disse 'sei', ela disse 'você me dá um beijo'. Sabe tipo cara, não era uma cocota entende, mas não era uma 'molier' era a mulher, a gata. E daí eu muito tímida, né? Sem graça assim. Eu peguei aqui e dei um beijo. Aí ela disse 'assim não, eu não quero selinho, eu quero um beijo'. Eu falei 'Ah, então vem aqui' quando eu falei vem aqui ela se ajoelhou. Vou te mostrar as fotos ela se ajoelhou, cara. Peguei. Aí sim saiu o beijo. Eu acho que até nesse meio tempo, o Albertinho chegou e acho que ficou esperando, entende, e não deu para acreditar. Foi um prêmio para mim."

[Diálogo] DI: 19'54" - DF: 20'28"

"Mas a verdade é que, para mim, aquela festa foi completa, né? O coração ficou assim meio, eu, porque daí eu saio desse chão aqui que eu vivo né? E eu fico meio flutuando que nem balão e daí me pegar e me trazer de novo, né para essa realidade. Eu sou

muito sonhadora, é muito difícil, aí eu fico ali quatro, cinco, 10 dias sabe, mas depois eu consigo me trazer para cá de novo.

PASSAR PARA:

**QUINTO BLOCO: FINALIZAÇÃO**

**[Cena 52]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Entrevista André Gentil Completa

GC - SEM

[Ação]

Personagem André fala do bar Nick Havana.

[ANDRÉ]

[Diálogo] DI: 01:18'56" - DF: 01:19'02"

"O bar, que eu tenho como o bar mais próximo do meu coração é o Nick Havana bar, que eu fui residente durante 12 anos, os últimos 12 anos do bar."

[Diálogo] DI: 01:19'28" - DF: 01:20'19"

"Tinham noites temáticas. Como eu te trouxe aqui os flyers e os posters para você ter uma ideia. A gente lançou umas festas muito engraçadas assim, 'homens de batom' que era umas festas que tocavam músicas para casais gays, dançarem, chick to chick, de rosto colado, se quisessem, não eram todas que, não eram todos que tinham coragem ou gostavam desse estilo. Mas a gente teve várias festas fantásticas lá, tinha um barman é incrível, que fazia uns drinks maravilhosos e ele era barman mesmo, aqueles que te ouvia, você podia ir chorar tuas mágoas, que ele conseguia fazer todos os serviços dele ainda ser simpático contigo no balcão."

[Diálogo] DI: 01:22'40" - DF: 01:23'13"

“Eu acho que o maior sucesso do bar foi ter reunido essa turma, que era uma turma muito ligada em moda, muito ligada no que no que acontecia na época em termos de cinema de literatura, de artes plásticas, a gente, sabe, todo mundo ali tinha um, tinha assistido, tinha visto, trazia uma informação nova, então a turma era muito legal.”

**[Cena 53]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Rosângela - Entrevista Completa -  
Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem Rosângela fala como acabou o Época.

[ROSÂNGELA]

[Diálogo] DI: 18'05" - DF: 18'33"

“O Época não acabou, ele mudou de endereço, né, e passou outro para outros nomes, né? Mas o Época, a gente não sabe, a gente teve mil e poucas pessoas durante a noite e 10 horas da manhã, o prédio fez assim. E que bom que não tinha ninguém lá, né? Então fica um ponto de interrogação.”

**[Cena 54]**

INT. (CASA LOURDES MARINS)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Lu Marins - Entrevista Completa -  
Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem Lourdes fala sobre o fim do Marrakesh.

[LOURDES]

[Diálogo] DI: 01:08'06" - DF: 01:08'21"

"Eu tinha um estilo de vida onde digamos, eu acordava assim, 6 horas, né? Porque a esquema de obra de trecho e tal e aí no Marrakesh era o horário que eu estava indo dormir."

[Diálogo] DI: 01:08'54" - DF: 01:08'59"

"Só que eu senti vontade de ter novamente a minha vida."

[Diálogo] DI: 01:09'17" - DF: 01:09'34" | DI: 01:09'53 - DF: 01:09'55" | DI: 01:10'23 - DF: 01:10'29

"E daí começou a Itaipu e próximo ali na Mariano Torres, esquina com a 15, tinha um escritório da Unicom que é a junção, que era a junção das cinco maiores construtoras, [...] e que eu falei: 'ah, eu vou levar meu currículo'. [...] Fui fiz a entrevista e tal papapapapapapa e fui aceita."

[Diálogo] DI: 01:12'27" - DF: 01:13'00"

"Era uma sexta-feira. E tocamos a noite inteira. O sábado o dia inteiro, o sábado da noite o dia inteiro. Iam embora, voltavam, tomava um banho, café, voltavam, o domingo e o domingo à noite, quando foi segunda-feira de manhã, eu falei, não agora para, agora para, porque agora já deu. Imagine. Coitado dos vizinhos, cara."

[Diálogo] DI: 01:13'45" - DF: 01:13'58"

"E daí terminou o Marrakesh, mas eu usei a frase 'só nós e o Pelé. Parar no auge, não deixar cair'."

### [Cena 55]

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Deise - Entrevista Completa - Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem Deise faz fala final.

[DEISE]

[Diálogo] DI: 16'19" - DF: 16'39"

"Olha que bonito, né? Eu tô emocionada. Até porque eu preciso dizer isso eu tô num teatro né, dando esse esse depoimento, fazendo esse depoimento para você, num teatro, que tem a ver com a minha história. Estou na minha cidade que é Curitiba. Onde exatamente eu tive essa primeira experiência em espaço que tinha um perfil, né?"

**[Cena 56]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Entrevista André Gentil Completa

GC - SEM

[Ação]

Personagem André faz fala final.

[ANDRÉ]

[Diálogo] DI: 01:23'45" - DF: 01:24'19" | DI: 37'14" - DF: 37'57"

"Não tinha me caído a ficha ainda que o, quem faz a história do movimento LGBT, a história da vida noturna, da vida noturna LGBT inclusive, são as pessoas. E cada pessoa tem o seu ponto de vista, ou a sua experiência pessoal daquele lugar, né, daquele grupo. Então isso eu não não tinha conseguido visualizar na sua plenitude, assim."

**[Cena 57]**

INT. (CASA SAMANTHA)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > Samantha - Entrevista Completa -  
Câmera 01

GC - SEM

[Ação]

Personagem Samantha faz fala final.

[SAMANTHA]

[Diálogo] DI: 01:28'15" - DF: 01:28'40"

"O direito à vida é um direito universal.  
Independente se eu sou uma mulher lindíssima, se eu  
sou uma mulher com barba, se eu sou uma mulher sem  
peito, se eu sou uma mulher careca. O direito à vida  
é de todos."

**[Cena 58]**

INT. (TEATRO CENA HUM)

BG - SEM

Vídeos - HD Externo 01 > George - Entrevista Completa - Câmera  
01

GC - SEM

[Ação]

Personagem George faz fala final

[GEORGE]

[Diálogo] DI: 01:03'46" - DF: 01:03'58"

"Não é só falar dos espaços físicos e também não é  
só falar das pessoas, é falar das relações, né? E  
essas relações elas não podem ficar somente na  
memória porque a memória vai-se embora com a morte  
de todos."

[Diálogo] DI: 01:04'28" - DF: 01:05'58"

"De alguma maneira, de alguma maneira, a gente tinha um lugar para poder rir, cantar e dançar e isso é muito bacana registrar, é muito bacana enaltecer a existência desses lugares, até porque quando você registra o espaço físico. Você registra que essa sociedade tinha quem frequentava. Essa sociedade tinha um universo de pessoas né, gays ou simpatizantes, estavam lá, e que isso faz parte da nossa história e da construção que é aonde a gente chegou."

PASSAR PARA

TELA PRETA

BG - Sem

Vídeo - Sem

GC - Centralizado na tela: Em maio de 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) equiparou as relações homoafetivas às uniões estáveis heteroafetivas, reconhecendo a união homoafetiva como um núcleo familiar.

[Ação]

Entra de forma suave o texto falando sobre o entendimento do STF em 2011.

PASSAR PARA

TELA PRETA

BG - Sem

Vídeo - Sem

GC - Centralizado na tela: Em junho de 2019, o Supremo Tribunal Federal (STF) entendeu que atos de transfobia e homofobia podem ser enquadrados como crime de racismo.

[Ação]

Entra de forma suave o texto falando sobre o entendimento do STF em 2019.

PASSAR PARA

TELA PRETA

BG - Sem

Vídeo - Sem

GC - Centralizado na tela: Em maio de 2020, o Supremo Tribunal Federal (STF) entendeu ser inconstitucional a proibição da doação de sangue por parte de homens que mantiveram relações sexuais homoafetivas nos últimos 12 meses.

[Ação]

Entra de forma suave o texto falando sobre o entendimento do STF em 2020.

PASSAR PARA

TELA PRETA

BG - Sem

Vídeo - Sem

GC - Centralizado na tela: Em agosto de 2023, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu permitir o reconhecimento de atos de homofobia e transfobia como crime de injúria racial.

[Ação]

Entra de forma suave o texto falando sobre o entendimento do STF em 2023.

PASSAR PARA:

TELA PRETA

BG - Sem

Vídeo - Sem

GC - Centralizado na tela: Mas os ministros do STF mudam...

[Ação]

Entra de forma suave o texto dando início ao pensamento de que não basta entendimento do STF para garantir direitos à comunidade LGBTI+.

PASSAR PARA:

TELA PRETA

BG - Sem

Vídeo - Sem

GC - Centralizado na tela: ...os "entendimentos" também.

[Ação]

Entra de forma suave o texto encerrando o pensamento de que não basta entendimento do STF para garantir direitos à comunidade LGBTI+.

PASSAR PARA:

**CRÉDITOS :**

TELA PRETA

BG - DISCO CLIMAX - AN JONE

GC - CRÉDITOS A SEGUIR

**Orientação**

Valquíria Michela John

**Coordenação**

Gabriel Arouca Leão

**Roteiro de Montagem**

Gabriel Arouca Leão

**Captação de Imagens**

João Pedro Pereira Cordeiro

**Decupagem**

Gabriel Arouca Leão

**Pesquisa**

Gabriel Arouca Leão

**Montagem e edição**

Gabriel Arouca Leão

**Trilha sonora**

Disco Climax - An Jone

**Entrevistados**

André Gentil - Comunicador e DJ

Deise Abreu Pacheco - Escritora e atriz

George Sada - Ator e diretor de teatro

Giovana Portier Peixoto - Fotógrafa

João Negrão - Professor

Kândido de Oliveira - Jornalista

Lourdes Marins - Projetista

Nemécio Müller - Assistente Social

Rosângela Coelho -

Samantha Wolkan - Cuidadora de idosos

**Imagens de apoio**

Acervo do Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott - CEDOC  
LGBTI+

Acervo pessoal - André Gentil

Acervo pessoal - Giovana Portier Peixoto

Acervo pessoal - Rosângela Coelho

Biblioteca Nacional

Biblioteca Pública do Paraná

Carnaval no Operário - Canal do Youtube "oradiodoparana"

Facebook - FÃ CLUBE Flowers Forever

Facebook - Grupo "Curitiba de Outros tempos"

Memorial da Resistência de São Paulo

### **Dados**

Ministério Público do Paraná - MPPR

Supremo Tribunal Federal - STF

### **Agradecimentos**

Alberto Schmitz II

Alisson Gonçalves

André Gentil

Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott - CEDOC LGBTI+

Deise Abreu Pacheco

George Sada

Giovana Portier Peixoto

Grupo Dignidade

João Pedro Pereira Cordeiro

João Negrão

José Carlos Fernandes

Kândido de Oliveira

Lourdes Marins

Lylia Moreira Arouca

Máquina de Ativismos em Direitos Humanos

Memória LGBTI+ de Curitiba

Nemécio Müller

Remom Matheus Bortolozzi  
Rodrigo Otavio Xavier Leão  
Rosângela Coelho  
Samantha Wolkan  
Teatro Cena Hum  
Valquíria Michela John  
Vanessa Bueno

Este material é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso,  
realizado por Gabriel Arouca Leão e orientado por Valquíria  
Michela John, para o curso de Jornalismo da Universidade  
Federal do Paraná - UFPR.

Curitiba,

2024

ENCERRAMENTO DA CENA.

**FIM**